



Universidade católica portuguesa

Faculdade de Teologia

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

Mestrado em Ciências Religiosas

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ANA FILIPA NOBRE OLIVEIRA

**O recurso à *Web 2.0* na prática letiva de
Educação Moral e Religiosa Católica**

**[Contributos da *Web 2.0* para a aprendizagem na
disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica]**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

sob orientação de:

PROFESSOR DOUTOR JOSÉ REIS LAGARTO

MESTRE JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO

Lisboa

2017

O Deus que conhece apenas três palavras

*Toda a criança conhece Deus,
não o Deus dos nomes
não o Deus dos nãoos
mas o Deus que conhece apenas três palavras:
“Vem dançar comigo,
Vem dançar comigo!”
Hafiz*

Agradeço a Deus e ao Santo António por abençoar e iluminar os meus caminhos, concedendo-me saúde, serenidade e coragem para concluir esta etapa da minha vida.

À minha mãe Anabela, que sempre foi forte, decidida e guerreira, conseguindo dar o melhor aos filhos. Tendo um papel extremamente importante na construção da minha vida, lutando para me fazer feliz.

Ao Cônego César Chantre que me tem guiado sabiamente ao longo da minha vida, sempre preocupado com a minha formação como pessoa e professora de Educação Moral e Religiosa Católica.

Ao meu grandíssimo amigo Luís Cipriano, pela amizade, e por ter sido um verdadeiro companheiro ao longo dos últimos cinco anos. Sempre incentivador, porque conhecedor dos meus limites, medos, circunstâncias e angústias, foi-me ajudando a percorrer este caminho.

Às minhas amigas, Ana Mafalda Henriques, Marisa Gago e Sónia Pagarete, pelo carinho, amizade e troca de conhecimentos durante as viagens e em todos os momentos académicos.

Às minhas amigas, pelos bons momentos de descompressão que me proporcionaram, por todo o apoio, força e carinho demonstrado para comigo nesta dura etapa, e pelas doces palavras dadas nos momentos mais difíceis.

À minha professora cooperante, a professora Margarida Portugal, por me ter recebido de braços abertos nas suas aulas e me ter acompanhado e orientado, de forma bem-disposta e cordial, por toda a sua disponibilidade.

Aos meus alunos que desde o início da carreira me motivaram a ser criativa, inovadora e amar cada minuto dentro da sala de aula.

Aos meus orientadores Mestre Juan Ambrosio e Doutor José Lagarto, pela competência, pelo acompanhamento e revisão da minha pesquisa.

Um muito obrigado, sem vocês nada disto teria sido possível.

RESUMO

A *Web 2.0* transformou a Internet num verdadeiro espaço de colaboração, interação e compartilhamento de conhecimentos, oferecendo ao utilizador, a possibilidade de publicar, editar, colaborar e partilhar experiências, informações e conhecimentos de forma fácil e simples. O utilizador veio ainda usufruir de uma pluralidade de ferramentas que podem ser potenciadoras do desenvolvimento de múltiplas aprendizagens e experiências colaborativas entre professores e alunos. Através do Plano Tecnológico da Educação, todas as escolas do 1º, 2º e 3º ciclo e secundário foram equipadas e modernizadas com computadores e videoprojectores, permitindo o acesso à Internet através da banda larga de alta velocidade. Este Relatório teve como objetivo averiguar a necessidade e relevância do uso das ferramentas da *Web 2.0* para a prática letiva na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Para concretizar o objetivo, sugere-se uma nova perspetiva sobre o perfil do professor e do aluno e fez-se ainda um estudo que envolveu dezoito alunos finalistas do mestrado em Ciências Religiosas, variante Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) do ano 2016/2017. O novo perfil do aluno e do professor, assim como os resultados do estudo aplicado revelaram que é relevante para a melhoria da dinâmica das aulas e ao mesmo tempo facilita o processo de aprendizagem dos alunos, assim como estabelece ou melhora os laços de afetividade e a relação com os alunos. As funcionalidades da *Web 2.0* tal como a necessidade que os professores de EMRC têm de partilhar e aprofundar os seus conhecimentos e recursos didáticos produzidos para lecionar, propõe-se a criação de uma comunidade prática de aprendizagem, onde os professores possam partilhar, de forma a melhorar constantemente a qualidade dos métodos de ensino/aprendizagem.

Palavras-Chave: *Web 2.0*, Ferramentas da *Web 2.0*, Professores de EMRC.

ABSTRAT

Web 2.0 has transformed the internet into a real space for collaboration, interaction and knowledge sharing, giving the user the possibility to publish, edit, collaborate and share experiences, information and knowledge in an easy and simple fashion. Thanks to Web 2.0, the user can also benefit from a wide range of tools that have the potential to develop multiple learning and collaborative experiences between teachers and students. Through the Technical Plan for Education, every primary and secondary school in Portugal has been equipped and modernized, enabling internet access through high-speed broadband coverage. The objective of this report is to assess the need and relevance in using Web 2.0 tools in the instruction of Moral and Catholic Religion Education class. In order to achieve the above-mentioned objective, a new perspective regarding the profile of the teacher and student is suggested, through a study that included eighteen final students of the Masters Religious Sciences, module EMRC, during the academic year 2016/2017. The new student and teacher profile, as well as the findings of the study demonstrated that the use of Web 2.0 tools is relevant to improve dynamics in class and at the same time facilitates the learning process for students, while establishing and improving bonds and relationships with students. Web 2.0 features, coupled with the need of EMRC teachers to share and improve their knowledge and educational resources used to teach, this report suggests the creation of a practical learning community, where teachers can share their knowledge and ideas, in order to continually improve the quality of teaching and learning methods.

Key words: Web 2.0, Web 2.0 Tools, EMRC Teachers.

INÍCE GERAL

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I - REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	5
1. Perfil do professor de EMRC.....	6
2. Perfil do aluno hoje	16
3. A necessidade do uso da <i>WEB 2.0</i> na prática letiva	23
Capítulo II – AS FERRAMENTAS DA WEB 2.0 NA DISCIPLINA DE EMRC	31
1. O que é a <i>WEB 2.0</i>	32
2. Ferramentas da <i>WEB 2.0</i> mais utilizadas pelos professores.....	36
3. Possibilidades do uso das ferramentas na aula de EMRC.....	38
3.1 Blogue.....	40
3.2 YouTube.....	44
3.3 Prezi	48
3.4 PowToon.....	51
4. Redes sociais: o exemplo do Facebook na EMRC.....	55
5. EDUCRIS – Um site ao dispor dos professores de EMRC	65
6. Segurança na Internet.....	66
Capítulo III – UM ESTUDO EMPÍRICO	71
1. Introdução à investigação	72
1.1 Opção metodológica.....	72
1.2 Síntese da investigação	73
1.3 Estudo realizado com os alunos finalistas do mestrado em EMRC.....	73
2. Apresentação e análise dos dados.....	81
2.1 Identificação do Ano e Unidade Letiva.....	81
2.2 Importância da Utilização da Web 2.0 para a Prática Letiva.....	81
2.3 Uso da Web 2.0 na Planificação das Aulas	82

2.4	Porcentagem de aulas nas quais fez uso da <i>Web 2.0</i>	83
2.5	Ferramentas da <i>Web 2.0</i> e a frequência com que usou	84
2.6	<i>Web 2.0</i> no aprofundamento dos conteúdos do programa	85
2.7	Relação entre a literacia digital do professor e a sua prática educacional	86
2.8	Importância da partilha de materiais de EMRC, por parte dos professores, na <i>Web 2.0</i>	88
2.8.1	Visualização/Utilização de Blogues de partilha de recursos para a disciplina de EMRC.	89
2.8.2	Blogues de EMRC.....	89
2.9.	Grupos de professores de EMRC na rede social <i>Facebook</i>	90
2.9.1	Páginas de EMRC na rede social <i>Facebook</i>	90
Capítulo IV – A CRIAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA.....		93
1.	Introdução	94
2.	A comunidade de prática	96
2.1	Em que consiste.....	96
2.2	Características das Comunidades de Prática.....	97
3.	A comunidade prática para professores de EMRC.....	99
3.1	Participantes.....	100
3.2	Características digitais da comunidade.....	101
CONCLUSÃO.....		103
BIBLIOGRAFIA		106

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1 - "Meme map" of Web 2.0	33
Figura 2 – Diferenças entre a Web 1.0 e a Web 2.0, na ótica do utilizador	35
Figura 3 - Mural do Grupo fechado “Docentes de EMRC”	58
Figura 4 - Mural do Grupo fechado “PROFESSORES DE EMRC”	59
Figura 5 - Professora de EMRC que partilha um vídeo com os colegas.....	59
Figura 6 - Professor de EMRC partilha notícia com os colegas.....	60
Figura 7 - Professora partilha trabalhos realizados pelos alunos	60
Figura 8 - Professora partilha angústias e pede ajuda aos colegas	61
Figura 9 - Grupo “EMRC na Escola Secundária de Peniche”, Professora lança desafio.....	63
Figura 10 - Grupo “EMRC-Agrupamento D. António Taipa – Freamunde”, administrador do grupo publica fotos de uma atividade.....	64
Figura 11 - Grupo “EMRC_Viana Castelo”, administrador notícia sobre diálogo inter-religioso.	64

INDÍCE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Apoio Social (em percentagem)	20
Gráfico 2 – Com quem vives? (em percentagem)	20
Gráfico 3 – Tens irmãos?.....	21
Gráfico 4 – Ano de escolaridade que lecionou	81
Gráfico 5 – Importância da utilização da Web 2.0	81
Gráfico 6 – Uso da Web 2.0 na planificação das aulas	82
Gráfico 7 – Ferramentas da Web 2.0 e a frequência com que usou	84
Gráfico 8 – Web 2.0 no aprofundamento dos conteúdos do programa	86
Gráfico 9 - Importância da partilha de materiais de EMRC.....	88
Gráfico 10 - Visualização/Utilização de Blogues de EMRC.....	89
Gráfico 11 – Presença dos professores nos grupos fechados do Facebook.....	90
Gráfico 12 – Páginas que os professores de EMRC seguem na rede social Facebook	91

INDÍCE DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização da amostra dos professores (N=21).....	76
Tabela 2 – Nº de questões por objetos de estudo.....	78
Tabela 3 – Quadro-síntese do questionário	79
Tabela 4 - % aulas nas quais fez uso da web.....	83
Tabela 5 - % aulas nas quais fez uso da web.....	87
Tabela 6 – Blogues de EMRC	90

INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado “O recurso à *Web 2.0* na prática letiva de Educação Moral e Religiosa Católica”, decorre da prática letiva supervisionada e pretende desenvolver uma reflexão sobre o contributo da *Web 2.0* para a prática letiva da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino/aprendizagem, tanto dos alunos como dos professores.

O Relatório irá basear-se essencialmente na necessidade e relevância do uso das ferramentas da *Web 2.0* para a prática letiva na disciplina de EMRC.

A Prática Letiva Supervisionada (PES) teve lugar na Escola Básica 2,3 Dom Fernando II, pertencente ao Agrupamento Monte da Lua, em Sintra, numa turma de 9º ano. O objeto em discussão neste Relatório, ultrapassa a unidade letiva lecionada na PES, sendo extensível a todo o Programa, tratando-se da utilização de redes sociais, conteúdos gerados por usuários, *softwares* como serviços, *podcasting*, blogues e *wikis*, para a prática letiva da disciplina. O terreno em estudo começou na sala de aula, tendo a *Web 2.0* como extensão.

Ao utilizar a ‘rede’ surgiu a interrogação chave: Qual é a importância da *Web 2.0* e tudo o que ela comporta para a EMRC hoje?

A realização deste relatório levou à necessidade de uma a interrogação chave que orientasse a realização do mesmo. Interrogação esta, que não deixa indiferentes professores, alunos e encarregados de educação. Atualmente a maioria das salas de aula do país estão munidas de um conjunto de recursos tecnológicos (computador, vídeo projetor, internet, *tablets*, grande parte dos alunos tem *smartphones*), os alunos são “nativos digitais”, os professores são “imigrantes digitais”¹, que se foram (ou não) adaptando a todas estas novas Tecnologias da

¹ “Nativos digitais”, é um conceito criado por Mark Prensky, em 2001, num artigo intitulado “Digital Natives, Digital Immigrants”. Designa todo o ser que se aproveita de todos os artefactos tecnológicos no seu

Informação e Comunicação. Todos estão ligados por um fio condutor invisível, ao qual chamamos de internet.

A interrogação chave deu lugar a outras:

- Quem são estes alunos “nativos digitais” e de que precisam eles?
- Qual o impacto que a *Web 2.0* tem na prática da disciplina de EMRC?
- O que motiva o professor de EMRC a utilizar a *Web 2.0* ao serviço da disciplina e a alargar a sala de aula levando a sua missão de evangelizador mais além?

A disciplina de EMRC é de frequência opcional, dando aos encarregados de educação o direito de escolher, para os educandos, a formação que consideram relevante para o seu futuro. Embora seja opcional por parte dos educadores, é do conhecimento geral que na maioria dos casos, estes levam em consideração a escolha dos educandos, principalmente a partir do 3º ciclo e secundário. O aluno só frequenta a disciplina se gostar e se a considerar importante para o seu curriculum. Cabe aos professores de EMRC abrirem, com um olhar no futuro, os seus horizontes para poderem transmitir aos alunos os conteúdos pretendidos, destacando a importância da disciplina na sua formação, fazendo uso das ferramentas de que dispõem, reconhecendo as potencialidades e limitações deste novo mundo.

Para motivar é necessário estar motivado. Para aliciar e motivar os alunos o professor de EMRC precisa de ter novos materiais, novas ideias, ser dinâmico, ativo e participativo, estar em formação constante. A ausência de pares na mesma escola, em que os grupos da disciplina EMRC, em muitos casos, é constituído apenas por um professor, sem ter com quem partilhar ideias, conversar e até mesmo encontrar vitalidade em momentos mais difíceis, dificulta e limita

quotidiano. In <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>, (consultado a 17/05/10).

o investimento dinâmico na disciplina. Dada a complexidade do mundo escolar, o professor precisa saber gerir essa diversidade, inovando ou inventando, reconstruindo o ensino, uma vez que a arte do professor se traduz no seu desempenho.

A partilha de recursos por parte dos professores de EMRC e a verdadeira vivência de comunidade é uma necessidade permanente. “Comunidade” e “Partilha” são dois conceitos com grande conotação católica que nos levam a uma dimensão de esperança e de novo mundo, lembrando-nos que quando se vive em verdadeira comunidade e se partilha, não há necessidade. Fazendo uso destas duas palavras questiono-me sobre a fraca partilha dos materiais produzidos pelos professores de EMRC. É pertinente pensar nessa partilha entre os professores, criando uma comunidade onde exista ajuda mútua, neste mundo digital; onde se possa viver, em contexto cibernético, o verdadeiro espírito cristão de união, comunidade e partilha a favor da EMRC.

A partir das interrogações, anteriormente citadas, nasceram objetivos concretos daquilo que pretendo alcançar com este Relatório. Para atingir os objetivos, organizei o presente trabalho em quatro capítulos.

Um primeiro capítulo em que serão esmiuçadas interrogações sobre a prática letiva na *geração 2.0* com *nativos digitais*. Urge compreender qual a ligação entre a educação em sala de aula e a *Web 2.0*, para que o professor cumpra a sua principal função. Neste sentido, importa salientar os objetivos da disciplina de EMRC e como podem ser complementados os diferentes conteúdos abordados através do uso de ferramentas da *Web 2.0*.

O segundo capítulo será dedicado às ferramentas *Web 2.0*. Farei um breve resumo do que é a *Web 2.0*, passando pelas ferramentas mais utilizadas pelos professores e de seguida explorarei as possibilidades do seu uso na disciplina de EMRC. As redes sociais não serão

esquecidas, portanto, nesta parte será salientado o *Facebook* e a sua relação com a disciplina. Para concluir, salientarei a importância de educar para a segurança na *Web 2.0*.

Com vista a consolidar o que é tratado nos dois primeiros capítulos, efetuei um estudo de caso, a partir de um inquérito aplicado aos finalistas do mestrado em EMRC do ano 2016/2017, sendo este apresentado no capítulo três.

Por fim apresentarei uma proposta prática, a criação de uma comunidade de aprendizagem destinada aos professores de EMRC. Nesta haverá a possibilidade de partilhar materiais e recursos, enriquecendo assim a prática letiva de EMRC e de aprofundar temas salientando os pontos positivos, tanto do ponto de vista católico, fazendo uso do conceito de partilha e comunidade, como do ponto de vista social, fazendo uso do conceito de *Web 2.0* e futuro.

Capítulo I - REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

“A pessoa é o sujeito primeiro e o objeto último da educação.”²

² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral: EDUCAÇÃO: Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2001, pág. 1.

1. Perfil do professor de EMRC

O professor de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) segundo o Código do Direito Canónico deve distinguir-se “(...) pela exatidão da doutrina, pelo testemunho de vida cristã e pelas qualidades pedagógicas.”³ e ainda o seu perfil deve conter os aspetos que se aplicam a qualquer professor conforme o disposto no Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto.

O professor de EMRC é um crente e toda a sua missão deve partir deste pressuposto. Este entra na vida das crianças, adolescentes e jovens, convivendo com eles, tendo a possibilidade de formar homens e mulheres novos, para um mundo novo. Ele precisa de ser alguém que tem vocação para esta grande missão, que é a de transmitir o Evangelho nas escolas.

Para elaborar o perfil do professor de EMRC, podemos partir de três questões pertinentes:

O que ensina o professor de EMRC?

Como ensina/educa o professor de EMRC?

O professor de EMRC é (deve ser) diferente dos outros professores?

Começando pela primeira interrogação, surge uma dúvida: ensinar ou anunciar? Os conteúdos desta disciplina são evidentemente cristãos e ao longo do programa somos confrontados com unidades como “A Páscoa dos cristãos”⁴, “Deus é amor”⁵, “Deus, o grande

³ Código de Direito Canónico, Cânone 804,2, in http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf. (consultado a 26/05/17).

⁴ 2º Ano – UL 3

⁵ 2º Ano – UL 4

mistério”⁶, “A Bíblia”⁷, “Jesus, um homem para os outros”⁸. Ao mesmo tempo deparamo-nos com conteúdos gerais que permitem ao aluno compreender a sociedade em que vive, tal como “As origens”⁹, “Viver juntos”¹⁰ “A pessoa humana”¹¹, “Riqueza e sentido dos afetos”¹² e “Ética e economia”¹³. Perante esta constatação concluímos que o professor de EMRC anuncia, evangeliza, mas também ensina o aluno a tomar consciência de si próprio como pessoa, da sua condição e do seu lugar no mundo. Juntamente com as outras disciplinas, contribuindo de uma forma especial para a formação integral do aluno, ou seja, tem no aluno (pessoa humana) e na sua dignidade o centro, “deixando-se iluminar pela vicissitude única de Jesus de Nazaré, de quem se tem o cuidado de investigar a identidade, que há dois mil anos não cessa de interrogar os homens”¹⁴.

O professor de EMRC proporciona aos seus alunos, mesmo que não seja de uma forma evidente, o contacto com o Evangelho e a mensagem cristã, a abertura aos valores humanos em todas as realidades nomeadamente à transcendência. Orientando-se para “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a sua própria liberdade”¹⁵.

⁶ 9º Ano – UL 3

⁷ 4º Ano – UL 4

⁸ 5º Ano – UL 2

⁹ 7º Ano – UL 1

¹⁰ 5º Ano – UL 1

¹¹ 6º Ano – UL 1

¹² 7º Ano – UL 3

¹³ Secundário – UL 13

¹⁴ BENTO XVI, Discurso do Papa Bento XVI aos professores de religião católica nas escolas italianas, Vaticano, 2009, In http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html, (consultado a 24/05/17).

¹⁵ JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html, (consultado a 24/05/17).

Aula após aula os alunos devem, através do contributo do professor:

- “- ... aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
 - Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
 - Adquirir uma visão cristã da vida;
 - Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
 - Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
 - Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
 - Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbologia cristã;
 - Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
 - Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
 - Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.”¹⁶

¹⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2006, pág.79; Secretariado da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral d Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014, pág. 05.

Segundo o Papa Francisco “a verdadeira educação faz-nos amar a vida, e abre-nos para a plenitude da vida!”¹⁷, esta afirmação remete-me para a finalidade da missão do professor de EMRC em que é preciso educar os alunos para o amor à vida, transmitir hábitos e valores que farão deles pessoas especiais, íntegras e maduras, que saibam fazer uso das três linguagens do ser humano: a linguagem da mente, a linguagem do coração e a linguagem das mãos¹⁸.

Jacques Delors também nos indica este caminho do amor dizendo “A educação é também uma declaração de amor à infância e à juventude (...)”¹⁹

Esta conclusão, leva-nos a pensar na segunda interrogação, Como ensina/educa o professor de EMRC?

O professor de EMRC deve ser um pedagogo e um facilitador das aprendizagens. A forma como marca os seus alunos depende em muito dos métodos que usa ao ensinar. Hoje, mais do que nunca, o professor precisa de ir ao encontro dos alunos inovando na forma como comunica e ensina, pois, é o aluno que condiciona o processo educativo,

“É o educando, o aluno, que está em situação de desenvolvimento e de aprendizagem; é em função dele que se devem definir os objetivos, estruturar a ação do educador, as tarefas, as estratégias, os materiais e os equipamentos, os espaços pedagógicos, etc.”²⁰

¹⁷ PAPA FRANCISCO, Discurso aos Estudantes e Professores das Escolas Italianas, Vaticano, 2014, in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html, (consultado a 24/05/17).

¹⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁹ DELOIRS, Jacques (Cord.), *Educação um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para Século XXI, Edições ASA, Porto, 1996, pág.11.

²⁰ TAVARES, José; ALARCÃO, Isabel, *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*, Livraria Almeida, Coimbra, 1992, pág. 136.

A célebre questão colocada, com entusiasmo, pelo aluno quando encontra o professor no corredor da escola antes da aula: “O que é que vamos fazer hoje?”, reflete o ritmo de inovação do professor dentro da sala de aula e o interesse do aluno pela disciplina.

Como referi anteriormente, a disciplina é de frequência opcional²¹ e a escolha do aluno depende em muito do perfil do professor em toda a sua essência. O professor deve marcar pela diferença, dentro e fora da sala de aula, isto porque ele não ensina apenas dentro da sala. A disciplina tem conteúdos tão plurais e abrangentes que podem ser ensinados em mais do que um ambiente. O professor questiona-se sobre: Como ensinar a ser solidário? Como ensinar a ver a natureza como uma dádiva de Deus? Como ensinar a respeitar todos os que são diferentes? Como ensinar a respeitar os espaços sagrados? Como ensinar a beleza da arte sacra? E interroga-se ainda, sobre a forma de ensinar tudo isto dentro de uma sala de aula.

Levar os alunos à instituição mais próxima da escola e convidá-los a levar roupas para doar aos utentes da mesma; ensinar o texto bíblico da criação nos jardins da cidade, permitindo que cada aluno se sinta interpelado a agradecer a Deus as maravilhas que lhe foram oferecidas; contar histórias aos alunos surdos do primeiro ciclo com a ajuda da intérprete; levar os alunos a visitar as igrejas da cidade, pedindo ao pároco que acompanhe a visita; navegar através do *Google Earth* mostrando aos alunos a beleza das obras de arte sacra espalhadas pelo mundo... Pode parecer difícil, mas estes projetos arrojados que saem fora do pré-estabelecido, são possibilidades que o professor de EMRC tem ao seu dispor e é esta a forma como o professor de EMRC deve ensinar, implementando sempre novas dinâmicas.

O aluno de hoje é um cibernauta nato, globalizado, com acesso a todo o tipo de informação e, para poder ensiná-lo, o professor deve ser também um cibernauta, tendo acesso

²¹ Preâmbulo do Decreto-Lei 70/2013 de 23 de maio.

às mesmas informações que o aluno.²² João Manuel Duque, professor na Universidade Católica de Braga alertou exatamente para esta situação e para a importância que o professor de EMRC pode ter perante o leque de informações que os alunos consultam:

“As crianças e jovens têm hoje na Internet um panorama diverso de oferta religiosa ou não religiosa, e esse contacto, em certo sentido é benéfico, porque tomam conhecimento logo de um conjunto de coisas a partir das quais o professor de EMRC pode trabalhar tendo noção dessa influência.”²³.

Deve ser ainda preocupação do professor acompanhar todas as inovações tecnológicas, os novos recursos cibernéticos e as redes sociais. Podemos dizer que este é o novo habitat dos alunos, o método de ensinar pode e deve sempre passar por este habitat. A presença constante da *Web 2.0* é um dos maiores aliados do professor, principalmente do professor de EMRC, os conteúdos diversos que contém facilita a dinamização das suas aulas indo ao encontro dos interesses e realidades dos alunos, mostrando aos seus pares que dentro e fora da sala de aula devemos ser visionários e modernos, estando sempre “um passo à frente”.

Em 2011 o Papa Bento XVI, recordou aos professores católicos a forma mais importante de ensinar/educar: “educar é um ato de amor, exercício da «caridade intelectual», que requer responsabilidade, dedicação e coerência de vida.”²⁴ Ensinar com paixão, é a chave mestra do professor de EMRC porque “Todo o autêntico educador sabe que para educar é preciso dar algo de si mesmo e que só assim pode ajudar seus alunos a superar os egoísmos para poderem, por

²² Cf NOGUEIRA, Jorge, *Os professores têm de captar a atenção dos alunos*, in <http://www.dn.pt/portugal/interior/os-professores-tem-de-captar-a-atencao-dos-alunos-5713324.html>, (consultado a 27/04/2017).

²³ DUQUE, João, *Braga: do clique ao toque reflete sobre o ensino religioso na escola*, in <http://www.educris.com/v2/emrc/6622-braga-do-clique-ao-toque-reflete-sobre-ensino-religioso-na-escola#.WI-oVVGfKpM.facebook> (Consultado a 27/04/17).

²⁴ BENTO XVI, *Discurso à Congregação para la Educação Católica*, 7 de fevereiro de 2011, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20110207_cong-educ-cattolica.pdf (consultado a 27/04/17).

sua vez, ser capazes do autêntico amor.”²⁵. Quando todos os olhos que estão na sala se voltam e se focam no professor, a campainha toca e os alunos ficam imóveis na sala, é sinal que o discurso do professor reflete amor e entusiasmo. Este amor, é um amor tal como São Paulo nos mostra na Carta aos Coríntios:

“O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”²⁶

Vivendo o amor tal como São Paulo nos ensina, o professor tem a oportunidade de ensinar através do seu exemplo, sendo expressão do amor e testemunho da verdade. O seu projeto de vida, a sua vivência espiritual e paroquial são também elas reflexo para os alunos. Um professor com uma vivência verdadeiramente cristã não terá dificuldade alguma em ensinar o verdadeiro sentido do Natal com uma celebração cristã na sua escola e não terá problemas em convidar os seus alunos a viver a liberdade sentida pelo cristão na Páscoa.

O parágrafo anterior leva-nos a refletir sobre a seguinte afirmação: O professor ensina e anuncia acima de tudo com o seu testemunho! Tal como os apóstolos foram testemunho da mensagem de Jesus, também o professor de EMRC deve ser testemunho vivo dessa mensagem. Sendo instrumento nas mãos de Deus, o professor de EMRC ensina com o sorriso de Deus, mostrando a verdadeira felicidade.

Por fim, uma reflexão sobre a última interrogação: O professor de EMRC é (deve ser) diferente dos outros professores?

²⁵ URBANO, Elisa, *A identidade do docente de EM RC. Redescobrir o sentido da obediência*, in *Pastoral catequética*, 23 (maio - agosto 2012), Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa, pág. 120.

²⁶ 1ª Coríntios 13, 4-7

“Os docentes de Educação Moral e Religiosa Católica, nomeados pelo Ministério da Educação sob proposta dos Bispos Diocesanos, são abrangidos pelo estatuto geral dos docentes.”²⁷, mas a este estatuto associam-se mais algumas condições relativamente ao perfil crente. Existem três aspetos fundamentais a saber: a personalidade humana, a personalidade docente e a personalidade crente. O professor de EMRC é um crente, o seu perfil cristão marca a principal diferença relativamente aos outros professores.

Mais do que uma forma de subsistência e uma profissão, existe uma vocação, um chamamento que leva o professor de EMRC a ensinar a partir da mensagem de Jesus. Podemos assim falar de missão. É um enviado da Igreja na escola, que, a pouco-e-pouco, vai contribuindo para a educação com a antropologia e a mundividência que a fé cristã ilumina²⁸. Marca a diferença pelo facto de que está “atento à vida - à vida da escola e à vida do aluno (na sua realidade familiar e social) não esquecendo os seus centros de interesse, os valores sobre os quais rege a sua conduta, as suas aspirações.”²⁹ É aquele que está sensível ao funcionário doente, ao aluno mais desfavorecido, que dá o primeiro alerta sobre a mudança de comportamentos de uma criança/jovem e, que acima de tudo, conhece a escola e as suas realidades.

Segundo Bento XVI, a esperança é a alma da educação. A esperança a que se refere é uma característica exclusivamente cristã. É uma esperança que se pode escrever com E (maiúsculo). Porque a sua crença permite aos cristãos sentir que tudo vai acontecer pelo melhor e a confiança em Deus dá um alento distinto de todos aqueles que não creem. Sem esquecer que a “A esperança que se dirige a Deus não é nunca esperança só para mim; é sempre, ao

²⁷ D. Tomás, NUNES, *O perfil do docente de EMRC, Forum de EMRC*, Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa, pág. 87.

²⁸ Cf. D. António, SANTOS, *O professor de EMRC, para a definição de um perfil humano e profissional*, in *Pastoral catequética*, 21/22 (setembro 2011 – abril 2012), Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa, pág.17.

²⁹ URBANO, Elisa, *A identidade do docente de EM RC. Redescobrir o sentido da obediência*, pág 119.

mesmo tempo, esperança para os outros: não nos abandona, torna-nos solidários no bem, estimula-nos a educar-nos reciprocamente na verdade e no amor.”³⁰ A esperança cristã é, assim, um impulso que faz o professor de EMRC agir na certeza de que Deus não falha.

Outra das características que marca a diferença entre o professor de EMRC e os seus pares é a cultura e o vasto conhecimento. Citando o professor João Duque:

“O professor de Educação Moral e Religiosa tem que ter bastantes conhecimentos e ser bastante culto do ponto de vista de áreas afins e que se cruzam com a sua disciplina, nomeadamente História, Filosofia e às vezes Ciências, tem que saber o suficiente para conversar, debater e até contestar se for o caso com os seus colegas dessas áreas. Invocar que é só convicção religiosa não é suficiente, há questões que são científicas e podem ser debatidas cientificamente e isso implica preparação e leitura, que é um trabalho intelectual exigente”³¹

Cada aluno é único, e o professor de EMRC, mais do que qualquer outro professor, tem a capacidade de procurar e salientar o melhor que cada aluno tem, estabelecendo com ele uma relação única de proximidade, “As suas dores terão de ser aquelas de que padecem os seus alunos”³².

Assim se compreende que o professor de EMRC deve ser sempre diferente dos outros, exercendo “um caminho de doação e serviço, de progresso profissional e aperfeiçoamento

³⁰ *Ibidem*, pág. 121.

³¹ DUQUE, João, *Do click ao toque reflete sobre o ensino religioso nas escolas*, in <http://www.educris.com/v2/emrc/6622-braga-do-clique-ao-toque-reflete-sobre-ensino-religioso-na-escola#.WI-oVVGfKpM.facebook> (consultado a 27/04/17).

³² D. António, SANTOS, *O professor de EMRC, para a definição de um perfil humano e profissional*, pág.15.

peçoal, com tal empenho, que podem ser referenciados como modelos do perfil desejável para todos os docentes.”³³

³³ D. António, SANTOS, *Missão e singularidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*, in *Pastoral catequética*, 19 (janeiro – abril 2011), Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa, pág.17.

2. Perfil do aluno hoje

As sociedades contemporâneas são palco de extraordinárias transformações, a nível económico, político, cultural, social e tecnológico. Inseridos nestas sociedades contemporâneas estão os alunos.

Os alunos de hoje pertencem a uma nova geração, aquela que é apelidada de “geração z”, tendo entre cinco e vinte anos, e sucederam à “geração millennials”³⁴. Embora ainda esteja em formação, muito se sabe sobre esta nova geração com a qual os professores se cruzam todos os dias nas salas de aula. Uma notícia no Jornal Expresso faz uma introdução muito clara desta geração:

“Quando os primeiros jovens da Geração Z estavam a completar um ano de vida, apareceu o Google. Aos seis, surgiu a Wikipédia. Aos nove, chegou o Facebook. Se olharmos para os novos, que nasceram em 2012, estes nunca conheceram a vida sem Twitter, Instagram ou Netflix. Em Portugal, 2,566,327 jovens fazem parte da geração que sucede os millennials.”³⁵

Esta é uma geração que lê em *tablets*, estuda/aprende *online* e faz os trabalhos de grupo em rede, via *Facebook*, *WhatsApp* ou *email*. Sonham crescer e ser *youtubers* ou vedetas do *Instagram*. Não nos podemos esquecer que eles nunca conheceram o mundo sem computadores, *chats*, telemóveis e uma das consequências disto, é o facto de serem menos deslumbráveis e

³⁴ Define-se como *geração millennials* os jovens nascidos entre 1980 e 1995, evoluíram ao mesmo tempo que a tecnologia e que a internet. Embora tenham crescido com todo este emergir tecnológico os pais dedicaram-lhes bastante tempo e atenção.

³⁵ GONÇALVES, Marta, *Geração Z: os miúdos que “fazem acontecer e que andam com o mundo no bolso*, in <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-03-30-Geracao-Z-os-miudos-que-fazem-acometer-e-que-andam-com-o-mundo-no-bolso>, (Consultado em 08/05/17).

mais egocêntricos, preocupando-se apenas consigo e com o seu pequeno mundo³⁶. É difícil satisfazer e encantar esta geração.

A partir de um *click* ou um toque no ecrã estas crianças e jovens têm acesso a tudo o que a internet lhes pode oferecer, a qualquer hora através dos telemóveis que têm nos bolsos. A velocidade com que navegam e acedem à informação é alucinante, o que provoca neles a incapacidade de esperar ou de ultrapassar desafios, assim como a dificuldade de darem valor às coisas que desejaram muito, bem como a atenção, muito curta, de cerca de oito segundos.³⁷

Apesar de terem acesso a todo o tipo de informação, esta geração caracteriza-se pela incapacidade de consolidar aprendizagens. José Morgado diz em defesa dessas fontes de informação que “(...) os jovens da Geração Z não consolidam as aprendizagens apenas porque utilizam o *Google* em excesso. Se eu exercitar aquilo que vi no *Youtube* ou li no *Google*, fico a saber, aprendo. O problema, acrescenta o referido autor, está na insuficiência dos filtros que os jovens têm.”³⁸ Este autor refere que a presença dos professores na vida das crianças e jovens é em grande parte dispensável, isto porque estes consideram que hoje podem aprender tudo através da internet. Se a geração anterior precisava de ter explicações de matemática para compreender melhor a matéria, esta geração vê vários vídeos no *Youtube* e compreende a matéria. Se a geração anterior tinha que ver a avó fazer um bolo para aprender, esta geração vê o *Masterchef* e fá-lo sozinho. Ou seja, se querem aprender eles procuram, não ficam à espera que um adulto lhes ensine.

³⁶ Cf. CETERA, Simone; FROEMMING, Lurdes, *Geração Z: Compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente*, in http://www.professores.uff.br/screspo/PSI_P2_artigo7.pdf, pág. 20, (Consultado em 08/05/17).

³⁷ Cf. “*Como é a geração z?*”, in <https://www.waynext.com/waytrends/como-e-a-geracao-z/> (Consultado em 9/05/17).

³⁸ MARTINS, Catarina Fernandes; SANTOS, Nuno Ferreira, “*A geração que quer “transformar isto tudo”*”, in <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-03-30-Geracao-Z-os-miudos-que-fazem-acontecer-e-que-andam-com-o-mundo-no-bolso>, (Consultado em 08/05/17).

Os nossos alunos nasceram no momento em que a internet se começou a difundir e esperam encontrar nas escolas um mundo muito semelhante ao seu, completamente conectado, aberto à interação veloz e global.

Não é apenas a tecnologia que muda a uma velocidade alucinante; a sociedade, a política e a economia mudaram também. Após o onze de setembro de 2001, com os atentados terroristas, o mundo passou a ser marcado por um novo ritmo. Neste curto espaço de tempo o que era tabu passou a ser banal e esta geração convive diariamente com o casamento e adoção entre casais homossexuais, com a luta pelos direitos dos animais, que muitos consideram que devem ser iguais aos dos seres humanos, com lutas feministas, com pornografia, com sexo, com a exposição do corpo e da vida privada. Por outro lado, o que era banal para as gerações anteriores passou a ser tabu para estas crianças e jovens. Falar de morte, de sofrimento, de preservar a imagem e não expor o corpo demasiado, de preservar a vida acima de tudo, são assuntos que entram em choque com os valores atuais. Podemos dizer que esta geração vive uma inversão de valores, embora sejam mais abertos e mais flexíveis à diferença, ou seja, ao receber informação do mundo inteiro, aceitam muito facilmente a diversidade.

Os ídolos desta geração são reais, vivem dentro dos ecrãs da televisão nos *reality shows*, são os donos dos perfis com mais seguidores no *Instagram* e no *Snapchat*, o que acaba por ser um contrassenso, porque o que parece real é nada mais nada menos que virtual. De entre tudo o que lhes é oferecido, podemos encontrar ídolos do mais fútil possível como Kim Kardashian³⁹

³⁹ Vedeta do reality show Norte Americano, vive da sua imagem, sendo uma das figuras com o maior número de seguidores no instagram, cerca de 90 milhões. ⁴⁰ Ativista paquistanesa dos direitos das mulheres e da luta pelos direitos de educação que foi condecorada com o Nobel da Paz em 2014;

até grandes exemplos como Malala Yousafzai⁴⁰, Martha Payne⁴¹ ou Isadora Faber⁴². São estes líderes que transformam esta geração em grandes empreendedores e em certa medida em “donos do mundo”. Segundo o *site* www.waynext.com, cerca de 60% desta geração quer ter um emprego que marque o mundo. Este desejo é reflexo, exatamente, destes ídolos reais/virtuais que depressa conseguem alcançar o sucesso, por mais banal que seja.

Todo este enquadramento é inquietante, sendo que urge ajudar o aluno a ultrapassar esta tensão e a “tornar-se, aos poucos, cidadão do mundo sem perder suas raízes pela participação ativa na vida do seu país e das comunidades de base.”⁴³

Inseridos nesta geração Z estão os alunos com quem me cruzei na Escola Básica 2, 3 Dom Fernando II, pertencente ao Agrupamento de Escolas Monte da Lua, em Sintra, escola onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada, que está na base deste Relatório.

A turma A do 9º ano de escolaridade da EB 2/3 D. Fernando II é constituída por vinte e quatro alunos, todos provenientes da turma A do oitavo ano, do ano letivo anterior. São doze raparigas e doze rapazes, cujas idades se situam entre os treze anos (sete alunos) e os catorze

⁴⁰ Ativista paquistanesa dos direitos das mulheres e da luta pelos direitos de educação que foi condecorada com o Nobel da Paz em 2014;

⁴¹ Menina escocesa que em 2012, com apenas 9 anos, começou a tirar fotografias das refeições escolares e a publicá-las num blog para denunciar a falta de qualidade das mesmas nas cantinas e incentivando crianças de todo o mundo a fazer o mesmo. O sucesso do blog foi tal que Martha conseguiu angariar dinheiro para a iniciativa de caridade Mary’s Meals, que organiza projetos alimentares em comunidades pobres de todo o mundo;

⁴² Menina Brasileira que com 13 anos, e munida de um telemóvel, criou a página de Facebook “Diário de Classe — A Verdade” para retratar as falhas e as deficiências da sua escola e chamar a atenção para o estado das escolas públicas no Brasil. Isadora tem dado palestras por todo o país, chamando a atenção para o problema. Em 2013, o Financial Times escolheu-a como uma das 25 personalidades brasileiras mais influentes no Brasil.

⁴³ DELOIRS, Jacques (Cord.), *Educação um tesouro a descobrir*, pág. 14.

anos (dezassete alunos) e, destes, dezassete estão inscritos em EMRC. Todos os alunos são de nacionalidade portuguesa, embora alguns tenham outra ascendência.

Não existem alunos com necessidades educativas especiais. No final do ano letivo anterior, treze alunos não tiveram qualquer nível inferior ao nível três e duas alunas obtiveram média de cinco integrando o Quadro de Excelência.

Há dois alunos com ASE, escalão A – Gráfico nº 1.



Gráfico 1 – Apoio Social (em percentagem)

Quanto à análise do ambiente familiar podemos observar que 83% dos alunos vive com os pais (vinte alunos), existindo, no entanto, 13% que vive só com a mãe (três alunos) e ainda 4% dos alunos vive com a mãe e o padrasto (um aluno) – Gráfico nº2.



Gráfico 2 – Com quem vives? (em percentagem)

Relativamente às habilitações literárias e profissões do pai e da mãe, dos elementos da turma de que conhecemos estes dados, pois, quatro alunos (24%) não responderam em relação ao pai, podemos constatar ainda que a formação académica dos pais se situa maioritariamente ao nível do ensino secundário e superior.

Ainda no contexto familiar podemos constatar que treze alunos têm um irmão ou mais (76%) e que quatro alunos são filhos únicos (24%), tal como podemos observar no gráfico abaixo.

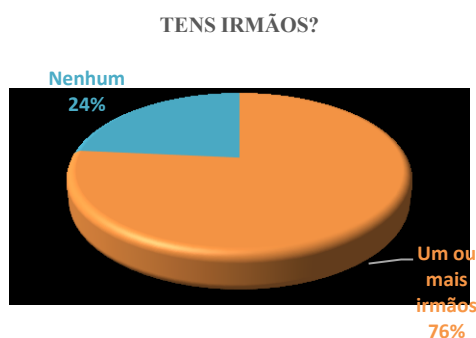


Gráfico 3 – Tens irmãos?

As dificuldades e gostos dos alunos relacionados com a escola são bastante variados. Todos os alunos que responderam ao questionário, disponibilizado online e onze alunos responderam que pensam prosseguir os estudos no Ensino Superior; a maioria gosta de estudar e declara fazê-lo diariamente. Nove alunos referiram ter apoio no estudo, em casa ou na explicação.

Num contexto humano, os alunos da turma revelam grande cumplicidade (muitos conhecem-se e são colegas de desde o pré-escolar) o que lhes permite frequentemente comunicar entre si. Esta grande cumplicidade entre os elementos da turma chega a ser prejudicial no que diz respeito ao comportamento.

Quanto aos alunos inscritos na disciplina, salienta-se que são alunos que frequentam EMRC desde o início do segundo ciclo. Muitos dos alunos frequentam ou frequentaram a

catequese. Alguns têm papéis ativos nas suas comunidades. Arends faz referência ao modelo educacional construtivista que, “defende que o conhecimento é algo pessoal e o significado é construído pelo aluno através da experiência. (...) Estes são influenciados pela interação entre o conhecimento previamente adquirido e as novas experiências de aprendizagem”⁴⁴. Também se pode afirmar que estes alunos foram sempre acolhedores, recetivos, interessados, suscitando sempre interesse pela aprendizagem e pelo que lhes era transmitido, chegando mesmo a prolongar as aulas para lá do tempo e do espaço da sala de aula, com questões referentes aos conteúdos lecionados.

⁴⁴ ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, McGrawHill, Madrid, 1995, pág.12.

3. A necessidade do uso da *WEB 2.0* na prática letiva

O processo de ensino/aprendizagem não pode decorrer de uma forma normal e natural sem que o professor conheça profundamente o seu “público alvo”, ou seja, as suas turmas. Este conhecimento é uma mais valia, na medida em que nos permite ter uma compreensão de alguns fenómenos sociais, em sala de aula, e assim adequar as nossas técnicas e métodos de ensino à turma.

Não faz sentido planearmos o método/estratégia de ensino sem conhecermos os nossos alunos. O sucesso depende da utilização de estratégias motivadoras capazes de ajudarem um grupo concreto, específico e distinto de indivíduos a tornarem-se uma comunidade de aprendizagem produtiva.

Desta forma, e já com o conhecimento do público-alvo - geração Z – o professor é motivado igualmente para o uso da *Web 2.0*, independentemente da turma, da escola ou da região onde leciona.

A globalização veio provocar uma mudança na sociedade, na economia, no ensino e na vida quotidiana, vindo provocar uma tensão entre o global e o local. O *Relatório Delors* relembra-nos como a tensão afeta de uma forma geral a humanidade: aos poucos e poucos, o cidadão de uma cidade/país vai-se transformando num cidadão do mundo sem perder suas raízes pela participação ativa na vida do seu país e das comunidades de base⁴⁵.

Enquanto os professores de outras disciplinas têm à sua disposição, um sem fim de editoras a produzir materiais, manuais, aulas digitais e outros recursos, o professor de EMRC

⁴⁵Cf. DELOIRS, Jacques (Cord.), *Educação um tesouro a descobrir*, pág. 14.

apenas tem uma editora (Secretariado Nacional de Educação Cristã) que lhe disponibiliza um manual (em papel) e um *site* com poucos recursos digitais por unidade letiva.

Para combater esta carência, muitos professores criaram:

- Blogues onde partilham os seus materiais com outros colegas: M^a João Palma, criou o <http://sermais.blogspot.pt>, no ano de 2005 e ainda hoje partilha materiais através dele; Luiza T, é a professora responsável pelo blog <https://crescercomemrc.blogspot.pt>, existente desde 2007; da minha autoria existe o <http://criarparaemrc.blogspot.pt> desde 2013 e que conta com um histórico de 97 410 visualizações⁴⁶;
- Páginas do YouTube, Instagram associadas aos blogs;
- Grupos nas redes-sociais como o Facebook, tal como: “Docentes de EMRC” administrado pelos docentes Ricardo Cunha e Mónica Barros, e “Professores de EMRC” administrado pela docente Sandra Figueiredo, onde **se** vão comunicando e trocando ideias relativamente aos recursos usados nas diferentes unidades letivas, assim como atividades para comemorar datas festivas.

Ao longo do período de estágio, posso referir que consultei a *Web. 2.0* na preparação de todas as aulas:

- Na primeira aula recorri ao Powtoon para elaborar uma apresentação sobre “O valor da vida humana nas religiões”;
- Na segunda aula realizei uma vasta pesquisa sobre dinâmicas que permitissem aos alunos compreender melhor a dignidade da vida humana;

⁴⁶ Estatística consultada no dia 20/05/17.

- Na terceira aula, para que os alunos pudessem fazer o trabalho de grupo baseado em testemunhos de pessoas que deram a vida pelos outros e, não sendo suficientes os testemunhos presentes no manual, tive de recorrer ao motor de busca do Google e encontrar novos testemunhos;
- Na quarta aula, tanto na elaboração do jogo da glória como na busca do vídeo clip “Who I Am” vi-me obrigada a recorrer à *Web. 2.0*;
- Toda a planificação da quinta aula foi realizada a partir de notícias encontradas online levando os alunos a compreender que os preconceitos sociais face aos estrangeiros e a xenofobia, ideologias racistas e genocídios estão bem presentes nos dias de hoje;
- Na sexta aula, recorri a uma versão áudio, presente no YouTube, da Parábola do Bom Samaritano de forma a captar a atenção dos alunos;
- Na sétima aula, mais uma vez recorri ao YouTube, para poder apresentar aos alunos um vídeo sobre o início da vida humana, despertando os afetos dos alunos para os primeiros momentos de formação do ser humano no útero da mãe, tendo realizado ainda uma pesquisa no Google para recolher imagens que complementassem os conteúdos do manual;
- Na oitava aula, foi necessário recorrer aos *sites* de notícias para encontrar casos reais de eutanásia, de forma a concretizar a dinâmica “Julgamento”;
- Para a planificação da aula onze realizei uma pesquisa *online* na busca de músicas (letra e acordes) populares que foram ensaiadas com os alunos e posteriormente cantadas aos idosos do centro de dia, na atividade integradora;
- Na última aula, mais uma vez e visto o sucesso da primeira, recorri ao Powtoon para mostrar aos alunos “Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso”.⁴⁷

⁴⁷ As planificações destas aulas podem ser consultadas no portfólio que vai anexado a este Relatório.

Tudo isto se deveu ao facto de poder transformar as aulas em momentos de elevado interesse para os alunos, utilizando uma pedagogia ativa, motivadora e interativa.

Ana Carvalho, citando Vitatte, indica-nos que:

“cada vez mais os alunos estão motivados para as tecnologias informáticas e menos motivados para os métodos tradicionais de ensino. Por isso, acredita que para conseguir cumprir a missão de formar os alunos, o professor tem a obrigação de adaptar os seus métodos de ensino às novas tecnologias. Torna-se muito importante que no contexto da sala de aula se use e se aprenda a utilizar as novas tecnologias.”⁴⁸

Como referi no ponto anterior estes alunos pertencem a uma geração diferente da dos professores e revelam características muito específicas, uma vez que esperam encontrar nas escolas um mundo muito semelhante ao seu, completamente conectado, aberto à interação, veloz e global. Desta forma “Todos estamos conscientes de que há uma grande evolução tecnológica a que os professores não podem ficar alheios, porque os nossos alunos não o estão.”⁴⁹

Para os alunos, manter o foco apenas no professor e no manual é extramente difícil, são necessárias aulas com momentos variados, -que vão ao encontro das suas vivências. Desta forma o professor de hoje tem necessariamente de recorrer às ferramentas que encontra disponíveis na *Web 2.0*. Quando se prepara uma aula, devemos ter em consideração que o Google é a nova biblioteca onde podemos encontrar todo o tipo de informação, o Facebook é o novo intercomunicador para o resto do mundo, o Snapchat é uma janela direta para a vida de qualquer jovem/adolescente, o Instagram é a maior galeria de fotografia do mundo e os *hashtag* são os novos rótulos.

⁴⁸ CARVALHO, Ana Amélia A., *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores*, Ministério da Educação, 2008, pág.17, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8286> (Consultado a 14/05/17

⁴⁹ *Ibidem*, pág.12.

“Viver numa sociedade em *rede* ou então informal requer que a pessoa seja capaz de habitar o mundo da informação como um espaço que é seu, que lhe é familiar e no qual está à vontade.”⁵⁰ Para o professor, mais relevante do que viver numa sociedade em *rede*, é ensinar uma geração que “vive” na *rede*. Professores e alunos são de gerações muito diferentes, que viveram experiências educacionais diferentes, em épocas diferentes e com recursos diferentes.

Os professores de hoje aprenderam em salas onde o quadro era preto e o giz branco e, infelizmente, a classe dos professores é hoje uma das classes mais envelhecidas⁵¹, atualmente ensinam em salas completamente invadidas pela tecnologia⁵² e a um *click* do resto do mundo. Tudo isto contrasta com o período em que os atuais professores, enquanto alunos, tinham apenas o manual da disciplina e uma biblioteca na escola onde podiam consultar livros. Os seus alunos hoje têm o “mundo no bolso”. Não é fácil unir estas duas gerações numa única linha de ensino.

Nos últimos anos de experiência ao nível do ensino e aprendizagem foi-me possível assistir a esta evolução tecnológica e aperceber-me que quanto mais tecnológico é o professor, mais fácil é a sua relação com os alunos. Exemplo disto é o espanto dos alunos quando se apercebem e constataam que o professor tem conta numa determinada rede social sentindo, a partir daí, a existência de um elo de ligação entre si e o professor. Em muitos casos chegam mesmo a fazer a pergunta “Quer ser meu amigo no Instagram?”. Outros exemplos interessantes são os vídeos do YouTube. Quando um professor de EMRC recorre aos mesmos para transmitir conhecimentos aos alunos, estes sentem que o professor frequenta os mesmos espaços que eles,

⁵⁰ RODRIGUES, L. M. Figueiredo, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, pág.187.

⁵¹ Cf. Perfil do docente 2014/2015, Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, in [http://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=683&fileName=DGEEC_DSEE_DEE_BS_DEES_2016_PerfilDocente.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=683&fileName=DGEEC_DSEE_DEE_BS_DEES_2016_PerfilDocente.pdf), (Consultado a 20/05/17).

⁵² Através do Plano Tecnológico da Educação, nos dias de hoje, as salas de aulas das escolas publicas estão equipadas com computadores com acesso à internet e vídeo projetores. In <http://www.dgeec.mec.pt/np4/243.html> (Consultado a 17/05/17).

despertando, desta forma, a motivação para proporem ideias e novos vídeos. Professor e aluno começam a falar a mesma linguagem, tornam-se parceiros, personagens de relação que minimiza o poder e equaliza o conhecimento.

Ao analisar todos os conteúdos do programa de EMRC é fácil compreender que para o professor desta disciplina é imprescindível estar atualizado sobre o mundo e o que se passa no mesmo.

Como já referi, consultei a *Web. 2.0* na preparação de todas as aulas porque senti necessidade de informação atualizada.

- Na aula um, para levar os alunos a compreender a dignidade da vida humana, recorri à *Web 2.0* e encontrei uma exposição de fotografias publicada no mesmo ano e que mostrava exatamente o que eu pretendia, acabando por usar algumas das fotografias para poder transmitir os conteúdos;
- Na aula dois, realizei uma pesquisa pelos conteúdos presentes na *Web 2.0* para escrever a história da dignidade da vida humana ao longo dos tempos, uma vez que o manual do 9º ano não tinha a informação necessária que eu, enquanto professora, precisava para ensinar este conteúdo;
- Na aula três, vi-me na obrigação de procurar mais testemunhos de pessoas que deram a sua vida em prol de outros, já que os disponibilizados pelo manual não eram suficientes para a realização dos trabalhos de grupo;
- Na quarta aula, mais uma vez tive de pesquisar informações variadas para a realização do jogo da glória;
- Na quinta aula, achei que os alunos aprenderiam muito melhor se tivessem conhecimento de notícias da atualidade em que se constatassem casos de racismo, xenofobia e preconceito, tendo tido a necessidade de efetuar uma pesquisa de notícias relacionadas com o assunto para mostrar aos alunos. Para a elaboração da curta-

metragem sobre estalinismo, nazismo e “apartheid”, também precisei de retirar alguns vídeos do *YouTube*;

- Na aula sete, sendo esta sobre o início da vida humana, foi necessário procurar informação atualizada sobre o conteúdo, assim como imagens que complementassem a matéria que foi sendo colocada no *PowerPoint*;
- Na aula oito, foi necessário conhecer novos casos de eutanásia e mais uma vez senti a necessidade de me documentar um pouco mais, porque o manual continuava a apresentar pouca informação para que eu pudesse conduzir um debate fundamentado científica e juridicamente sobre este tema.⁵³

Assim se compreende que a *Web 2.0* possa ser um dos métodos de atualização à disposição do professor, já que a sua grande vantagem é o acesso fácil e imediato a todo tipo de informação, quer para os alunos, quer para o professor. A *Web 2.0* permite-nos fazer leituras rápidas, mas que ao mesmo tempo nos permite e adquirir o conhecimento pretendido, desenvolvendo inteligências múltiplas.

Com acesso fácil e rápido a quaisquer informações através dos *sites* de busca, facilmente os nossos alunos se deparam com um sem fim de informações. Muitas destas informações não são verdadeiras e outras são inapropriadas para as suas idades. É ainda de referir a facilidade com que os alunos realizam trabalhos, mas que nem sempre são os melhores. Cabe ao professor auxiliar o aluno neste sistema de filtragem da informação com a qual se depara.

Uma das tarefas importantes e que ao mesmo tempo dá protagonismo ao aluno dentro da sala de aula, é a de pedir que seja ele a pesquisar sobre determinado assunto no seu telemóvel. Esta tarefa vai permitir que o professor juntamente com os alunos faça a seleção do que realmente é verdade na pesquisa, de cada um, e vai fazer do telemóvel um aliado dentro da sala

⁵³ Os Power Points com as informações referidos podem ser consultados no Portfolio que vai anexado a este Relatório.

de aula, contrariando a ideia de que este meio de comunicação é prejudicial ao ensino e permite ainda ao aluno ver no professor alguém que o compreende, porque ele vê no telemóvel algo indispensável à sua vida, e que também vive no seu mundo, estabelecendo assim uma relação tríade aluno/professor/*Web 2.0*.

Como podemos constatar a identidade e a especificidade da escola está em mudança e

“(...) o papel da escola e do professor tenderá a ser cada vez menos a transmissão de conhecimentos e cada vez mais o desenvolvimento das competências, capacidades e instrumentos de pesquisa, tratamento, análise e apresentação da multiplicidade de informações cada vez mais acessíveis numa pluralidade de fontes de informação disponíveis em diferentes tipos de suportes.”⁵⁴

Para que o professor consiga suporte a todas as necessidades referidas anteriormente é importante que conheça algumas das ferramentas da *Web 2.0* e qual o uso que pode fazer delas na prática letiva. O capítulo seguinte irá centrar-se no mundo da *Web 2.0* e nas ferramentas digitais mais úteis aos professores de EMRC e nas possibilidades de as usar ao serviço de aulas cada vez mais centradas nos alunos.

⁵⁴ CARVALHO, Adalberto, *Novas Metodologias de Educação*, Porto Editora, Porto, 1995, pág. 89.

Capítulo II - AS FERRAMENTAS DA WEB 2.0 NA DISCIPLINA DE EMRC

“(...) a ideia que importa realçar é que a Web 2.0 será tanto mais bem-sucedida quanto mais as aplicações permitem usufruir da inteligência coletiva.”⁵⁵

⁵⁵ RODRIGUES, L.M. Figueiredo, *O digital ao serviço da fé: formar para uma oportunidade*, pág. 113.

1. O que é a WEB 2.0

Facilmente na gíria popular web e internet confundem-se, embora na realidade sejam distintos. A internet, que pode ser definida como “uma rede global de redes de computadores”, surgiu na época da guerra fria, tendo a primeira versão sido criada pelos militares dos EUA. Mais tarde evoluiu, atraindo o interesse de uma comunidade universitária norte americana. Esta, em 1985, criou a National Science Foundation, tendo como objetivo ligar a comunidade universitária. Poucos anos depois, em 1989, no Centro Europeu de Pesquisas Nucleares, um cientista inglês, Tim Berners-Lee, descobriu uma nova forma de partilhar a informação das múltiplas investigações na área nuclear baseada em hipertexto – estava inventada a World Wide Web (www) ou apenas *Web*.⁵⁶

A *Web* que Tim Berners-Lee inventou, era de difícil acesso e precisava de uma reformulação completa. Desta forma, surge em 1993 o primeiro *Web browser*, o Mosaic, que permitiu navegar facilmente entre páginas sem depender das ligações entre elas. Desde essa época até aos dias de hoje a web não parou de crescer.⁵⁷

A *Web* começou a ter som, imagem e movimento. Apareceram novas ferramentas que permitiram ao mais comum dos seres humanos criar o seu próprio *site* ou ter um blogue. Esta evolução veio dinamizar a produção de informação e os conteúdos sem que o utilizador necessite de conhecimentos específicos.

⁵⁶ Cf. CARRERA, Filipe, *Marketing Digital na versão 2.0: O que não pode ignorar*, Edições Sílabo, Lisboa, 2014, pág. 20.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*

Em 2001, num *brainstorming*, entre O'Reilly e a MediaLive International, que tinha como principal objetivo analisar as características da *rede*, constatar tendências e antever prováveis inovações que poderiam surgir nas décadas seguintes, nasceu o conceito *Web 2.0*.⁵⁸

Tim O'Reilly criou um "*Meme map*" onde se mostram as principais ideias do conceito:

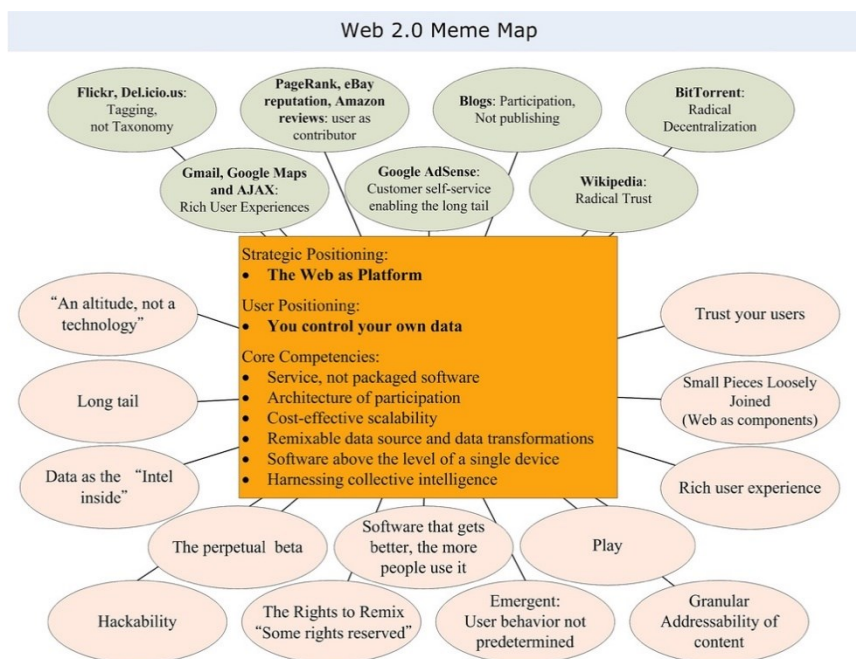


Figura 1 - "Meme map" of *Web 2.0*⁵⁹

Analisando a figura encontramos no retângulo central os pontos chave: a *Web* como plataforma; controlo dos dados pelos utilizadores; serviços independentes de pacotes de *Software*; arquitetura participativa; custo-benefício em termos de escala; flexibilidade de dados, inclusive das fontes; *Software* acima do nível de dispositivo único; incentivo à inteligência coletiva.

⁵⁸ Cf. O'REILLY, Tim, *What is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*, 2005, in <http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html?page=1>, (consultado a 18/05/17).

⁵⁹ *Ibidem*.

Em 2005, o criador do conceito tentou uma definição para o web 2.0:

“A Web 2.0 é a rede como plataforma, abrangendo todos os dispositivos conectados; As aplicações da Web 2.0 são aquelas que aproveitam ao máximo as vantagens intrínsecas dessa plataforma: disponibilizando o *Software* como um serviço continuamente atualizado que fica melhor quanto mais pessoas o usam, consumindo e remixando dados de múltiplas fontes, incluindo usuários individuais, fornecendo os seus próprios dados e serviços de uma forma que permite a utilização por outros, criando efeitos em rede através de uma "arquitetura de participação", e indo além da metáfora de página da *Web 1.0*, disponibilizando experiências ricas aos usuários.”⁶⁰

Podemos concluir que o que distingue a *Web 2.0* da *Web 1.0* é o comportamento do internauta, que deixa de ser utilizador passivo e recetor de conteúdos, para passar a ser um agente ativo no desenvolvimento da *Web*, interagindo de uma forma dinâmica: lendo, modificando, criando e recriando conteúdos, adicionando comentários, relacionando-se, em qualquer lugar e a qualquer momento, desde que possua um computador com acesso à internet. Estamos perante uma web mais social e mais humana, onde milhões de pessoas contribuem para um novo ecossistema chamado *Web*.⁶¹

⁶⁰ O'REILLY, Tim, *Web 2.0: Compact Definition?*, 2005, in: <http://radar.oreilly.com/2005/10/web-20-compact-definition.html>, (Consultado a 18/05/17, tradução da minha autoria).

⁶¹ Cf. CARREIRA, Filipe, *Marketing Digital na versão 2.0: O que não pode ignorar*, pág. 183.

Nesta nova versão da *Web*, a colaboração passa a ser um imperativo:

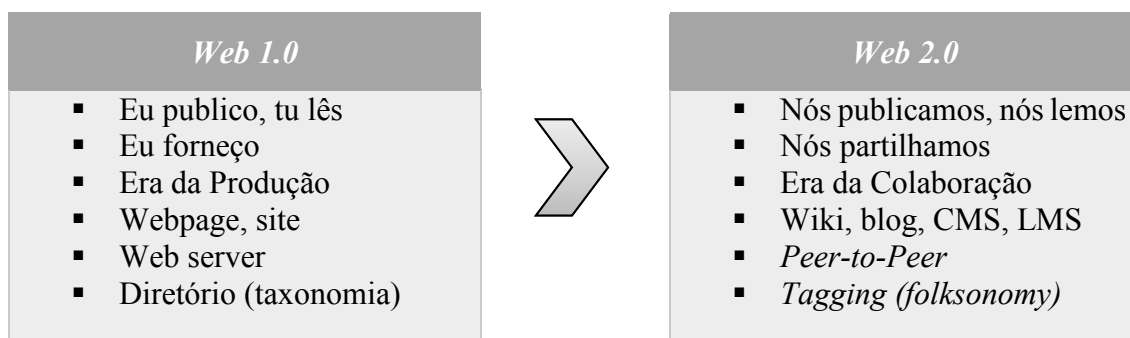


Figura 2 – Diferenças entre a *Web 1.0* e a *Web 2.0*, na ótica do utilizador.⁶²

É pertinente salientar que se na *Web 1.0* os conteúdos publicados eram limitados, existindo apenas uma elite que podia publicar, a partir da *Web 2.0* todos os utilizadores se tornaram potenciais “escritores”, não havendo filtragem de informação.

⁶² Cf. *Ibidem*.

2. Ferramentas da *WEB 2.0* mais utilizadas pelos professores

Dentro daquilo que é a *Web 2.0*, emergiram novos espaços de construção de conhecimento, apelidados de ferramentas que oferecem imensas potencialidades, tendo-se transformado numa fonte de conteúdo para ensinar e aprender, provocando mudanças profundas e transformando hábitos, atitudes e ideias, dando um novo rumo aos conteúdos e à tecnologia.

Os recursos e ferramentas presentes na *Web* proporcionam, não só o acesso a informação, mas também facilitam a publicação e partilha dos conteúdos *online*, sendo a maioria deles, de fácil acesso e de utilização gratuita.

Segundo Clara Coutinho e João Júnior, professores da Universidade do Minho, as ferramentas da *Web 2.0* podem ser classificadas em duas categorias:

“Na primeira categoria – incluem-se as aplicações que só podem existir na Internet e cuja eficácia aumenta com o número de utilizadores registados, como por exemplo: Google Docs & Spreadsheets, Wikipédia, del.icio.us, YouTube, Skype, eBay, Hi5, etc.

Na segunda categoria – incluem-se as aplicações que podem funcionar offline, mas que também podem trazer grandes vantagens se estiverem online: Picasa Fotos, Google Map, Mapquest, iTunes, etc.”⁶³

O número de ferramentas disponíveis na *Web* possui um sem fim de exemplos, sendo os mais populares:

⁶³ COUTINHO, Clara; JUNIOR, João, *Blog e Wiki: Os Futuros Professores e as Ferramentas da web 2.0*, Atas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa, Porto, 2007, pág. 200, in <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf>, (Consultado a 18/05/17).

- Softwares que permitem a criação de rede social: Facebook, Instagram, Twitter, SnapChat, Blogs;
- Softwares que permitem a criação de apresentações: Prezi, Powtoon, Haiku Deck, Genialy;
- Softwares de armazenamento de dados: Google Drive, Cloud; Dropbox, OneDrive, Box;
- Ferramentas de escrita colaborativa: Blogs, wikis, Google docs;
- Ferramentas de comunicação online: Skype, WhatsApp, Messenger; Facebook;
- Ferramentas de acesso a vídeos: YouTube, Google vídeos, Vimeo.

Através das ferramentas disponibilizadas, a *Web* acabou com o drama do armazenamento de textos e de ficheiros. Qualquer uma destas ferramentas permite a criação de uma conta, onde tudo o que se publica, consulta ou cria fica guardado, podendo o utilizador manter tudo *online*. As contas/conteúdos podem ser de carácter privado, onde apenas o utilizador tem acesso, ou de carácter público, onde o utilizador publica para toda a comunidade online.

Transformar a *Web* num ambiente social e acessível a todos os utilizadores é algo que só acontece devido a todo este conjunto de ferramentas e *softwares* que permitem a cada um seleccionar e controlar a informação de acordo com as suas necessidades e interesses.

3. Possibilidades do uso das ferramentas na aula de EMRC

A *Web* veio trazer novas possibilidades, todas elas, de certa forma estimulantes para professores e alunos. Algumas das ferramentas disponibilizadas são verdadeiramente aliantes para muitos alunos, transformando-os em pessoas mais empenhadas e responsáveis.

A utilização destas ferramentas pode regenerar os métodos de ensino:

“As ferramentas digitais são um excelente recurso que permitem ao professor assumir um papel ativo na seleção e organização da informação. Permitem, por outro lado, direcionar a sua atividade no sentido de guiar os alunos na construção do seu conhecimento, estimulando-os a refletir e a resolver problemas de forma a aprenderem a aprender.”⁶⁴

Anteriormente expliquei que algumas das características fundamentais da *Web 2.0* são uma maior participação/interação daqueles que a visitam, ou seja, deixam de existir usuários e passam a existir autores. A informação também está acessível a qualquer um e as pesquisas podem acontecer a uma rapidez alucinante. Todas estas características vão permitir a mudança. Uma mudança que começa por parte dos professores que pretendem atualizar a sua pedagogia de ensino.

Mais do que uma pedagogia centrada no aluno, as ferramentas online permitem uma pedagogia de igual para igual, ou seja, aluno e professor são protagonistas da aula. É possível ao professor ensinar e aprender com os seus alunos, desta forma este poderá ser atuante e

⁶⁴ FIGUEIREDO, César; NERY, Raquel; LEITE, Susana, *Recursos digitais no ensino da educação visual*, Porto Editora, 2013, pág. 5, in <https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/assets/especiais/educacao2013/doc/20123239CESCMC1213N-EPV56.pdf>, (Consultado a 21/05/17).

participante na situação de sala de aula. O professor dos dias de hoje tem de pensar e ensinar “fora da caixa”, tal como no diz Arends:

“Para proporcionar aos alunos da era da informação uma educação de qualidade é preciso que os professores se mantenham a par dos desenvolvimentos tecnológicos e, em alguns casos, consigam acompanhar os seus alunos. É especialmente importante que os novos professores tenham competências tecnológicas básicas, para que possam utilizar o poder dos computadores e tecnologias semelhantes em prol de um ensino eficaz. Estes professores também precisam de conhecer os possíveis efeitos negativos inerentes a qualquer inovação.”⁶⁵

A disciplina de EMRC tem e deve ser uma disciplina onde o professor pensa “fora da caixa” e onde os alunos se sintam motivados a estar presentes ano após ano. Outro ponto influente é o perfil do aluno hoje, que pede ao professor que lhe ensine através de novos métodos oferecendo-lhes mais do que aquilo que ele pode ter acesso através do seu portátil ou *smartphone*. Para isso é necessário que o professor se aperceba que “o modelo da escola que temos não é suficiente para captar a atenção de todas as crianças”⁶⁶

Num sentido restrito da disciplina de EMRC, qual é a possibilidade que o professor tem de fazer uso destas ferramentas? Esta questão será das mais fáceis de responder: O professor de EMRC tem todas as possibilidades. Assim, apresentarei algumas das ferramentas disponíveis na *Web* e salientar qual a produtividade que cada uma terá para a planificação.

⁶⁵ Cf. ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, pág. 18.

⁶⁶ NOGUEIRA, Jorge, *Os professores têm de captar a atenção dos alunos*, in <http://www.dn.pt/portugal/interior/os-professores-tem-de-captar-a-atencao-dos-alunos-5713324.html>, (consultado a 20/05/2017).

3.1 Blogue

A palavra blogue resulta da combinação das palavras inglesas *web* e *log*, que significa diário, assim sendo a tradução de blogue pode ser “diário na rede”.

Um blogue é uma plataforma gratuita, fácil de navegar e administrar. Para o utilizar é necessário ter uma conta na plataforma escolhida, sendo hoje as mais populares a Blogger, a Wordpress, a Wix e a Sapo. Depois basta inserir os conteúdos a serem publicados em módulos já predefinidos pelas plataformas que oferecem o serviço gratuito.

É um espaço virtual, administrado autonomamente, que permite publicar uma espécie de diário pessoal ou, mais geralmente, conteúdos de qualquer tipo que aparecem em ordem cronológica, do mais recente para o mais antigo e são conservados num arquivo sempre consultável. Estes conteúdos publicados podem ser enriquecidos com ligações a outros sites ou blogs. À medida que os novos conteúdos vão sendo inseridos os mais antigos posicionam-se abaixo, até confluírem no arquivo semanal ou anual. É importante salientar que o conteúdo inserido pressupõe um comentário dos seus utilizadores, os quais podem interagir diretamente com quem escreveu e com os outros leitores.⁶⁷

Os blogues podem ser pessoais ou coletivos, estarem abertos a uma comunidade para todos ou fechados para uma comunidade privada.

No ponto de vista educacional os blogues podem ter duas conotações possíveis, podendo ser classificados em *blogues educacionais ou edublogs*, “que têm como principal objetivo poder ir ao encontro dos objetivos curriculares e dos conteúdos programáticos”⁶⁸. Existem ainda os

⁶⁷ Cf. SPADARO, António, *WEB 2.0: Redes sociais*, Edições Paulinas, São Paulo, 2013, pág. 30.

⁶⁸ MARTINS, Ana; GIL, Henrique, *O Jardim-de-infância e a família: uma relação mediada pela utilização de um blog*, Atas do XVII Simpósio Internacional de Informática Educativa, Setúbal, 2015, pág. 3, in <http://siie15.ese.ips.pt/ATASdoSIIE15.pdf>, (Consultado a 20/05/17).

blogs escolares, criados por professores e alunos, que contêm atividades relacionadas com o contexto escolar dos intervenientes. Outro modelo são os *blogues* que funcionam como *estratégias pedagógicas*, transformando o papel do aluno mais ativo, podendo ser autor ou coautor, “na realização de atividades, na seleção, na análise, na síntese e na publicação de informações.”⁶⁹

O *blogue* pode ser considerado uma estratégia pedagógica ou recurso pedagógico?

Sem dúvida que sim. É importante referir que, para se retirar o maior proveito do uso das ferramentas *on-line*, é necessário ter conhecimento específico sobre cada uma delas.

Quando falamos da utilização desta ferramenta num contexto de sala de aula ou até mesmo fora dela, mas sempre num contexto pedagógico, podemos referir algumas estratégias que facilitam a tarefa do professor e melhoram a aprendizagem do aluno:

- Uma plataforma de informações disponibilizadas do professor ao aluno, geralmente em torno das atividades que o aluno necessita de desenvolver;
- O aluno pode desempenhar funções de autor ou coautor dos *blogues*;
- O aluno pode fazer do seu *blog* um portfolio digital e através da pesquisa, análise, síntese e publicação da informação, adquirir competências em diferentes áreas;
- Espaço digital onde há um intercâmbio de informação.

Quais são as possibilidades de aplicar esta ferramenta à disciplina de EMRC?

Falando em primeiro lugar das possibilidades que são oferecidas aos professores, o *blog* é um meio de partilha ou de aquisição de materiais e ideias. Ao escrever no motor de busca do

⁶⁹ *Ibidem*.

Google a palavra “*blog* EMRC” deparamo-nos com alguns blogues criados por professores de EMRC com o objetivo de partilhar com os seus pares materiais que preparam para as aulas. Os mais populares são:

- <http://sermais.blogspot.pt>
- <http://criarparaemrc.blogspot.pt>
- <http://emrctotal.webnode.pt>
- <http://moralemalta.blogspot.pt>

A busca também nos permite encontrar blogues onde professores partilham ao mesmo tempo para colegas e alunos. A diferença de conteúdos é notória, porque são partilhados desde vídeos, curtas-metragens, conteúdos de conhecimento geral, conteúdos relacionados com unidades letivas do programa, curiosidades e notícias religiosas, assim como alguns materiais. Como exemplo desses blogues temos:

- <https://crescercomemrc.blogspot.pt>
- <http://sermaiscomemrc.blogspot.pt>
- <http://emrcaprenderaser.blogs.sapo.pt>

É possível encontrar ainda blogues criados por professores, mas direcionados apenas para a comunidade escolar, nomeadamente para os alunos que frequentam a disciplina. Nestes blogues os professores publicam as atividades que os alunos dos diferentes anos letivos vão realizando, tanto num contexto de sala de aula como no exterior.

- <http://emrc-esp.blogspot.pt>
- <http://emrctorcatense.blogspot.pt>
- <http://emrcsilves.blogspot.pt>

O professor pode ainda utilizar/recomendar blogues que considere pertinentes relativamente à matéria que leciona, proporcionando aos alunos formas adicionais de acesso à informação que se pressupõe atualizada e importante.

Através do último exemplo percebemos que os alunos podem usufruir, de uma forma passiva, dos blogues, visualizando o que os professores partilham. Mas o aluno, pode e deve ter um papel ativo no contexto desta ferramenta. Aqui partilho alguns exemplos:

- Ao longo do ano letivo o aluno poderá publicar no seu blogue pessoal (criado para este fim) todos os seus trabalhos e pesquisas para que o professor os possa avaliar. Este funcionará, então, como um portfólio digital;
- O conjunto turma poderá criar um blogue onde irá publicando textos, notícias e vídeos relacionados com a matéria. Entre outras competências, os alunos passam a desenvolver um trabalho colaborativo e capacidades de filtragem e seleção dos conteúdos presentes na web;
- Pode servir de espaço de debate, ou de “role-playing”. O professor pode incentivar os alunos a analisarem um assunto ou problemática tomando em linha de conta as diferentes perspetivas com que o mesmo tema pode ser encarado. Os alunos podem fazê-lo através de “posts” ou de comentários. Esta abordagem, que culmina com frequência na realização de um debate, em sala de aula, onde se esgrimem argumentos e confrontam pontos de vista, permite desenvolver múltiplas competências nos alunos nomeadamente relacionadas com a pesquisa, análise e seleção de informação, mas também de escrita e de argumentação.⁷⁰

⁷⁰ Cf. GOMES, M^a João; LOPES, António, *Blogues escolares: quando, como e porquê?*, Centro de Competências CRIE da ESE de Setúbal, pág. 128, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6487/1/gomes2007.pdf>, (consultado a 20/05/17).

As tarefas prendem-se com os objetivos, pois é através das tarefas de aprendizagem que os alunos desenvolvem as capacidades necessárias para os atingir. Segundo o Programa de EMRC, o ensino e a aprendizagem devem estar orientados para a aquisição e desenvolvimento de competências e estas não se adquirem apenas no ato de exercer, as experiências de aprendizagem adequadas serão aquelas que proporcionam aos alunos a utilização de saberes e que já adquiriram ou estão em processo de aquisição.⁷¹

3.2 YouTube

A palavra *YouTube*, surge a partir de dois termos de língua inglesa: “you”, que significa “tu” e “tube” que, no calão americano, significa televisão. Ou seja, a tua televisão ou televisão feita por ti.

O *YouTube* é um *site* de partilha e visualização de vídeos. Foi fundado em fevereiro de 2005 e surgiu da dificuldade que os programadores Steve Chen e Jawed Karim sentiam no visionamento de ficheiros de vídeo, devido a incompatibilidades e problemas levantados por *codecs*, pelos formatos dos vídeos e também pelo tempo que demoravam a carregar vídeos como anexo via *email*.⁷²

O *Website* do *YouTube* está acessível em 36 idiomas e pode ser acedido através do endereço <http://www.youtube.com>. Apresenta um *design* bastante simples com um interface de fácil utilização.

⁷¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2007, pág. 16.

⁷² Cf. COSTA, Manuel, *A utilização das novas tecnologias na formação e divulgação de conteúdos: em particular o vídeo no Youtube*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação: Especialização em Audiovisual e Multimédia, Universidade do Minho, outubro de 2011, pág. 33, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18063/1/Manuel%20Domingos%20Veloso%20Pereira%20da%20Costa.pdf>, (consultado a 20/05/17).

Os principais provedores de conteúdos são os próprios utilizadores. Para fazer o *upload* de um conteúdo (vídeo) na plataforma basta estar inscrito no canal, podendo ser feito a qualquer hora e em qualquer lugar, tendo apenas de escolher a categoria em se insere o seu vídeo, ou seja, o utilizador não necessita de grandes conhecimentos informáticos. Para visualizar qualquer vídeo o utilizador apenas tem que aceder à página e selecionar o que pretende, este funciona também como uma rede social.

Não tendo o *YouTube* o objetivo de ser uma rede social ou uma empresa de comunicação: “integra o conteúdo publicado pelos utilizadores da plataforma e, esse mesmo conteúdo pode ser comentado, partilhado e pode estar sujeito à adição de anúncios publicitários, caso o utilizador o deseje.”⁷³

O *YouTube* pode ser considerado uma estratégia ou recurso pedagógico?

Esta ferramenta funciona como um “Mundo virtual”⁷⁴, sendo um espaço de interação em que os utilizadores o exploram e atualizam. Aqui é possível encontrar vídeos sobre todo o tipo de conteúdos.

Podemos considerá-lo uma estratégia no que diz respeito à criatividade, hoje o *YouTube* é considerado um dos espaços onde os adolescentes e jovens podem expressar a sua criatividade⁷⁵ e um espaço social de intercâmbio de público, utilizado pelos jovens. Este espaço está, nos dias de hoje, a modificar a aquisição de conhecimentos e os modos de aprendizagem.

⁷³ LIMA, Joana, *Cosméticos no Youtube – Marcas vs Youtubers: Um Estudo Exploratório*, Dissertação de Mestrado Design de Comunicação de Moda, Universidade do Minho, outubro de 2015, pág. 72, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40252/1/Dissertação%20Joana%20Lima.pdf>, (Consultado a 22/05/2017).

⁷⁴ *Ibidem*, pág. 34.

⁷⁵ Cf. BRAGA, Ilda; Ramos, Altina; BRAGA, Joel; *Tecnologias digitais no pré-escolar: o youtube para aprender e partilhar*, Atas da IX Conferência Internacional de TIC na Educação, 14-15 de maio de 2015, pág. 285, in

Dentro de uma sala de aula o professor necessita, nos dias de hoje, focar a atenção do aluno sobre os conteúdos lecionados. Segundo vários autores a utilização de vídeos ou a produção dos mesmos, em contexto de sala de aula, é uma mais valia para a prática letiva:

“No conceito de Jonassen (2007), os vídeos são ferramentas cognitivas que contribuem para a construção do conhecimento das crianças pois o uso de imagens em movimento pode melhorar a retenção de conceitos nas crianças, facilitando o pensamento e a resolução de problemas (James Marshall (2002), referido por Bastos, 2011). Aqui temos a imagem que se sobrepõe à palavra e que provoca emoções e sensações (Ferrés, 1996). Jonassen (2007) advoga que é importante o uso do multimédia na atual geração e que as crianças facilmente aprendem a utilizar o *Software* necessário para a realização de vídeos que “atraem e mantêm a atenção das crianças porque, em geral são multimodais, isto é, estimulam mais que um sentido ao mesmo tempo”⁷⁶

Quais são as possibilidades de aplicar esta ferramenta à disciplina de EMRC?

- Através de um vídeo de 3 min pode-se mostrar aos alunos do 7º ano o que são crianças soldado, quando falamos de Paz;⁷⁷
- Nada melhor que mostrar notícias sobre a situação ambiental do mundo para que os alunos do 8º ano compreendam a importância da ecologia;⁷⁸
- Amizade, uma curta metragem da Disney, que mostra os princípios da amizade é uma das melhores estratégias a aplicar no 5º ano;⁷⁹

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35238/1/Tecnologias%20Digitais%20no%20Pre%20Escolar.pdf>, (consultado a 22/05/2017).

⁷⁶ *Ibidem*, pág. 287.

⁷⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=vQUuMyJlsQ0>

⁷⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=mnli6iuFEto>

⁷⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=mR3DzRMob-c>

- Fome, talvez seja complicado explicar a crianças de doze anos que nunca a sentiram, mas se visualizarem o último anúncio da Knorr com testemunhos de sem abrigo que sabem o que é ter fome, talvez seja mais fácil;⁸⁰
- Para introduzir os direitos humanos, no 9º ano, pode-se mostrar aos alunos um pequeno vídeo introdutório ao tema.⁸¹

Estes são apenas alguns exemplos de possibilidades que os professores têm de utilizar esta ferramenta a favor da Disciplina de EMRC em prol dos alunos. A visualização de vídeos a partir da plataforma pode também criar uma maior empatia entre o aluno e o professor: ao abrir o *Website* o professor está a entrar no mundo dos alunos, estes sentem-se felizes porque existe alguém que vê o mesmo que eles ou que pelo menos frequenta o mesmo espaço.

Outra estratégia possível é a de criar um canal da turma, onde alunos e professor partilham vídeos relacionados com a matéria, separando os vídeos por unidades letivas, passando assim a ser um recurso não só da turma, mas também de alunos e professores da disciplina espalhados pelo país. Estes canais podem também conter vídeos produzidos pelos próprios alunos em contexto de sala de aula.

A utilização dos vídeos disponíveis no *YouTube* pode ser feita de forma direta, abrindo a hiperligação, ou através do *download* do vídeo que posteriormente o professor utiliza na sala de aula.

Esta plataforma também pode ser utilizada como estratégia de avaliação, o aluno poderá encontrar um vídeo que melhor explique os conteúdos aprendidos ao longo da unidade letiva.

⁸⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=582g2azKFDo&t=4s>

⁸¹ <https://www.youtube.com/watch?v=7wbIQRzggTI>

Desta forma o professor pode ajudar o aluno a fazer uma escolha acertada do que existe disponível.

Podemos dizer que uma estratégia de ensino/aprendizagem a partir do *Youtube*, está em concordância com o que nos diz o Programa de EMRC, ou seja, ela permite estabelecer uma aprendizagem colaborativa, favorecendo o comportamento cooperativo e reduzindo a tensão competitiva dos alunos, gerando mais uma motivação intrínseca. A cooperação entre os vários elementos da turma e o professor irá reduzir a alienação e o isolamento, construindo relações e providenciando perspectivas afirmativas de outras pessoas.⁸²

3.3 Prezi

O *Prezi* entra dentro dos *softwares* disponíveis na *Web 2.0*. Surgiu em 2009, com o intuito de criar apresentações menos estáticas e com melhor utilização de espaço em relação ao *PowerPoint*.⁸³

É um *software* online para a criação de apresentações não lineares, como as realizadas através do *PowerPoint*, *Keynote*, *Impress*. O conceito desta ferramenta consiste em tudo ser apresentado a partir de uma estrutura única, como um mapa cerebral, onde há uma redução, expansão e *zoom* de textos e imagens, tal como acontece no *Google Maps*.

O acesso ao *Website* faz-se através do endereço <https://prezi.com>. Existe uma versão gratuita, com conteúdos mais básicos, mas que já possibilitam a realização de excelentes apresentações. O autor faz login, passando a dispor de um leque de possíveis modelos e o utilizador escolhe o que mais lhe agrada, a partir daí começa a montar a sua apresentação. Cada

⁸² Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Moscavide, 2014, pág. 157.

⁸³ Cf. GOMES, Simões, *Rival do PowerPoint, Prezi lança site em português e mira Brasil 'criativo'*, in <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/rival-do-power-point-prezi-lanca-site-em-portugues-e-mira-brasil-criativo.html>, (consultado a 22/05/17).

apresentação pode ser trabalhada por mais do que um utilizador, permitindo assim o trabalho em equipa. Qualquer pessoa pode fazer uma apresentação em *Prezi* sem necessitar de conhecimentos avançados sobre a plataforma.

As apresentações entram para um arquivo *online* e qualquer utilizador pode fazer uso das mesmas, criando assim uma rede de conteúdos.

O *Prezi* pode ser considerado uma estratégia ou recurso pedagógico?

São inúmeras as vantagens relativamente à sua utilização em sala de aula, transformando esta plataforma num excelente recurso pedagógico:

- Em primeiro lugar não há a necessidade da instalação de *software* nos computadores da sala de aula;
- Funciona em qualquer *browser*;
- Permite o acesso através de três tipos de conta: duas pagas e uma gratuita;
- Apesar do leque de modelos pré-definidos permite a personalização dos mesmos;
- Permite a ligação de todos os elementos, conforme a ordem que se deseja dar, à apresentação e incluir ligações, imagens, vídeos, animações em *Flash*, textos em diferentes formatos que são trabalhados numa única janela;
- Todas as apresentações são disponibilizadas numa base de dados de acesso a todos os que a ela queiram aceder;

Na página de apresentação desta ferramenta encontramos algumas referências que ajudam os utilizadores a compreender a sua importância, relativamente às estratégias em sala de aula, duas são relevantes:

- 90% da informação que retemos vem através dos nossos olhos;

- Conversas de duas vias ajudam o nosso cérebro a “sincronizar” num processo chamado de acoplamento neural.⁸⁴

Ao analisá-las compreendemos que pode ser utilizada como recurso pedagógico dentro da sala de aula e que encaixa na perfeição com o perfil do aluno de hoje. Para crianças e jovens que vivem num mundo de imagem, uma apresentação que implique movimento visual e ao mesmo tempo a explicação do professor, irá captar melhor a atenção do aluno.

Esta ferramenta vai criar, em sala de aula, um ambiente de aprendizagem inovador, desenraizando o conceito do manual, caderno e quadro.

Um projeto iniciado no *Prezi*, com um utilizador, pode ser aberto a outros utilizadores, permitindo assim um trabalho colaborativo entre o professor e os alunos.

Embora todas as vantagens que existem, muitos lamentam o facto de o acesso gratuito não permitir a apresentação dos projetos em modo *offline*, o que limita o local das apresentações.

Quais são as possibilidades de aplicar esta ferramenta à disciplina de EMRC?

Sabendo que a aula deve ser atrativa e conhecendo o perfil do aluno, não é complicado apercebermo-nos da importância desta ferramenta para prática pedagógica desta disciplina.

Relativamente ao uso desta ferramenta, são os alunos os maiores impulsionadores da mesma, é possível verificar esta afirmação através de uma simples pesquisa no Google: ao escrever “*Prezi* EMRC”, encontramos pelo menos cinquenta resultados de apresentações elaboradas no âmbito da disciplina.⁸⁵ Esta constatação vai de acordo com as políticas da

⁸⁴ Cf. <https://prezi.com/the-science/>, (consultado a 22/05/2017).

⁸⁵ Cf. https://www.google.pt/?gws_rd=ssl#q=prezi+emrc, (consultado a 22/05/2017).

plataforma, que tem como objetivo que os alunos comecem a fazer uso desta ferramenta. Banks, responsável pelo *Prezi* disse: “Eu quero que professores usem o *Prezi*, mas quero mais que os estudantes utilizem o *Prezi*”⁸⁶.

Estas apresentações que podem ser utilizadas por qualquer professor são ótimos recursos para dinamizar aulas e campanhas de matrículas.

3.4 PowToon

É um *Website* que permite a criação de apresentações sob a forma de slides e vídeos animados. Gratuito e com um grau de dificuldade médio.

As funções do *PowToon* vêm substituir os programas mais pesados que necessitavam instalação. É a partir do *browser* que se acede diretamente à plataforma, com funcionalidades bastante simples, podendo ser utilizado em qualquer computador. À semelhança das outras ferramentas, para iniciar um projeto é necessário criar conta e fazer *login*.

O *interface* da plataforma é bastante limpo e agradável, acabando por não interferir com a criatividade do utilizador. Após o *login* a plataforma disponibiliza um pequeno vídeo que explica os comandos mais básicos, facilitando a utilização dos principiantes.

O utilizador dispõe de uma quantidade avultada de imagens, tipos de letra, fundos, transições, marcadores, podendo ainda acrescentar outras imagens, fundos ou vídeos. A apresentação é feita através de slides com uma linha temporal, de forma que a entrada e saída de conteúdos seja automática.

A partir desta ferramenta qualquer um pode realizar um pequeno vídeo de animação.

⁸⁶ GOMES, Simões, *Rival do PowerPoint, Prezi lança site em português e mira Brasil 'criativo'*, in <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/rival-do-power-point-prezi-lanca-site-em-portugues-e-mira-brasil-criativo.html>, (consultado a 22/05/17).

Permite ao utilizador o acesso através de três tipos de conta:

- *Free* (gratuito): recursos básicos, criação de vídeos com no máximo 5 minutos, não pode tirar a marca d'água com o nome *PowToon*;
- *Pro* (profissional): recursos profissionais, vídeos de até 15 min, pode remover a marca d'água;
- *Business* (negócios): pode utilizar tudo do *Website*, com opção de criar vídeos em *HD* (60 min) ou *Full HD* (8 min).⁸⁷

Em qualquer uma das versões é permitida a exportação do vídeo para o *YouTube*, desta forma qualquer um pode aceder ao mesmo, outra vantagem, em relação ao *Prezi*, por exemplo, é que a apresentação a partir do *YouTube* pode depois ser descarregada e utilizada mesmo sem acesso à internet.

O *PowToon* pode ser considerado uma estratégia ou recurso pedagógico?

Segundo os seus criadores, o *PowToon* foi desenvolvido com o intuito de acabar com as dificuldades, frustrações e limitações provocadas pela maioria dos *softwares* usados para apresentações.⁸⁸

Se para os alunos dos dias de hoje ouvir um professor durante quarenta e cinco minutos é enfadonho, usar o manual está fora de moda e, até mesmo o *PowerPoint* é cansativo, o *PowToon* é a inovação do momento, o que suscita o entusiasmo da turma. Recordo-me da

⁸⁷ Cf. FELICIANO, Marcos, “*PowTonn: a melhor alternativa para criar apresentações*”, in <http://br.blastingnews.com/tecnologia/2016/01/powtoon-a-melhor-alternativa-para-criar-apresentacoes-00756281.html>, (consultado a 24/05/17).

⁸⁸ Cf. RV1, Samuel, “*O que é o PowToon? – Ferramentas Educacionais*” in <https://www.powtoon.com/online-presentation/dAX6pN6USXF/o-que-e-o-powtoon-ferramentas-educacionais/?mode=movie>, (consultado a 24/05/17).

primeira apresentação em *PowToon* que mostrei à turma de estágio, os alunos ficaram de olhos fixos na tela e no fim da aula foram muitos os que me vieram perguntar como é que se podia fazer uma apresentação como a que lhes tinha mostrado.

Percebemos, através da explicação do *YouTube*, que a visualização de um vídeo funciona como um excelente recurso pedagógico em sala de aula, desta forma também o *PowToon* é um ótimo recurso pedagógico, motivando e levando os alunos a aprenderem com prazer.

No *site* educris.com, encontramos a seguinte informação: “As estratégias devem ser as mais diversificadas e criativas que se possa conseguir. No entanto, a sua relação com as competências é essencial.”⁸⁹ Esta afirmação vem reforçar a utilização das ferramentas, tipo Powtoon, como estratégias no ensino/aprendizagem da EMRC em sala de aula.

Quais são as possibilidades de aplicar esta ferramenta à disciplina de EMRC?

Mais uma vez ao inserir “*PowToon EMRC*” no Google, deparamo-nos com um leque de resultados⁹⁰, embora não sejam tantos como os *Prezi*, conseguimos retirar uma ilação: desta vez são os professores que maior uso fazem desta ferramenta.

Um excelente exemplo para o uso desta ferramenta na disciplina de EMRC é transformar matérias maçudas em vídeos divertidos:

- 9º ano, o valor da vida humana nas diferentes religiões, uma matéria densa para os alunos e que explicada a partir do manual pode parecer enfadonha, mas que

⁸⁹ SNEC, “*Estratégias Pedagógicas*”, in <http://www.educris.com/v2/98-didatica-da-disciplina/880-estrategias-pedagogicas>, (consultado a 24/05/17).

⁹⁰ Cf. https://www.google.pt/?gws_rd=ssl#q=powtoon+emrc, (consultado a 24/05/17).

usando um *PowToon* transforma aquele momento de aprendizagem num momento significativo e de animação;⁹¹

- 8º ano, ecologia. Como explicar aos alunos, com criatividade, que todas as religiões preservam e enaltecem a natureza? Uma das alternativas mais eficazes é um *PowToon*;⁹²
- A época da campanha de matrículas é sempre uma preocupação para qualquer professor de EMRC, este deve apresentar a disciplina aos alunos que não a conhecem para que se possam inscrever. Um *PowToon* a explicar quais as cinco razões para a inscrição em EMRC é uma estratégia cativante.⁹³

⁹¹ Cf. <https://www.powtoon.com/online-presentation/cLq34EJTwyh/a-vida-nas-religoes/?mode=movie>, (consultado a 24/05/17).

⁹² Cf. <https://www.powtoon.com/online-presentation/d86F7A31UL3/natureza-na-sabedoria-religiosa/?mode=movie>, (consultado a 24/05/17).

⁹³ Cf. [https://www.powtoon.com/online-presentation/fltQu0X72fS/5-raoes-para-ter-emrc/?mode=movie#/,](https://www.powtoon.com/online-presentation/fltQu0X72fS/5-raoes-para-ter-emrc/?mode=movie#/) (consultado a 24/05/17).

4. Redes sociais: o exemplo do Facebook na EMRC

Segundo Spadaro, “Uma rede social liga pessoas comuns (e, portanto, nem técnicos, nem especialistas) dispostas a compartilhar pensamentos, conhecimentos e, também, parcelas das suas vidas.”⁹⁴

As redes sociais tal como conhecemos hoje, existem porque a ligação à Internet está mais facilitada, nomeadamente através dos dispositivos móveis.

O *Facebook* é uma rede social que tem como objetivo permitir a comunicação, partilha e troca de informações entre as pessoas. Foi lançado em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e os seus colegas de universidade. Inicialmente esta rede social estava destinada apenas aos estudantes da Universidade de Harvard, com o objetivo de aumentar a interação entre os estudantes, onde eles podiam partilhar fotografias. Rapidamente a adesão ao *Facebook* propagou-se por outras universidades.

Esta rede é considerada a mais popular entre as redes sociais, facto comprovado pelo número de utilizadores ativos e pelo número de interações:

“O *Facebook* é a rede social com maior relevância e impacto na internet. O número de utilizadores em todo o mundo já ultrapassou os mil milhões. Em Portugal estão contabilizados cerca de 4,7 milhões de utilizadores, posicionando-se em 34º na lista de países com acesso ao *Facebook*, liderada pelos Estados Unidos, Brasil e Índia.

⁹⁴ SPADARO, António, *WEB 2.0: Redes sociais*, Edições Paulinas, São Paulo, 2013, pág.5.

A nível global, o tempo médio passado no *Facebook* por mês é de 6,3 horas. Diariamente, 58% dos utilizadores acede ao *Facebook*. Todos os dias são efetuados 3,2 biliões de “*Likes*” e comentários.

Em Portugal, 49% dos utilizadores do *Facebook* são mulheres e 51% homens, sendo que a faixa etária com utilizadores mais frequentes situa-se entre os 25-34 anos.”⁹⁵

Inscrever-se no *Facebook* é muito simples: basta inserir o endereço de *email*, escolher uma senha e criar o perfil. O perfil criado é (ou deve) ser real, com fotografia e nome e “compõe-se de vários elementos, graças a uma série de aplicativos em continua evolução”⁹⁶. Através da conta é possível procurar amigos mais próximos, afastados e família.

O *Facebook*, através das suas funcionalidades, acaba por ser mais do que uma comum rede social. Este permite a criação de eventos, sondagens e publicidade, vários jogos *online*, e os utilizadores podem atualizar o seu próprio *interface* através de presentes virtuais.

A 7 de outubro de 2010, o fundador do *Facebook* criou uma nova função para acrescentar às já existentes: a possibilidade da formação de grupos.⁹⁷ Desta forma, “é possível formar grupos de interesse e reunir pessoas entre os próprios amigos e depois os amigos dos amigos, numa ressonância espontânea”⁹⁸. O administrador pode permitir que qualquer membro convide ou adicione pessoas ao grupo, pode também ser o único gestor do grupo.

⁹⁵ Cf. “*Estatísticas do Facebook*”, in https://facestore.pt/estatisticas_do_facebook, (consultado a 24/05/17).

⁹⁶ SPADARO, António, *WEB 2.0: Redes sociais*, pág.96.

⁹⁷ Cf. FACEBOOK, “*A nova função do facebook*”, in <https://www.facebook.com/FacebookBrasil/videos/1544398803213/>, (consultado a 24/05/17).

⁹⁸ SPADARO, António, *WEB 2.0: Redes sociais*, pág.99.

Rui Lima⁹⁹, relembra aos professores que é necessária uma escola mais virada para o século XXI. Partindo desta afirmação e recordando o perfil do aluno nos dias de hoje, é fácil concluir a importância de utilizar as redes sociais, nomeadamente o *Facebook como estratégia*.

O Jornal Expresso em janeiro de 2016 publicou uma notícia, referindo que os adolescentes portugueses comunicam principalmente através da internet, do telemóvel ou do *tablet* e têm entre duas e quatro contas nas redes sociais¹⁰⁰, constatação que impulsiona o professor a inovar, não apenas na formação, mas também nas relações humanas. O Pe. Luís Figueiredo reforça esta ideia dizendo-nos que a partir da *Web* isso também é possível:

“A *Web* pode ser, de facto, uma oportunidade para a promoção da amizade, e de evangelização, através da partilha sincera de interesses, preocupações, anseios, bem como de reflexões pessoais, realizadas a partir das redes a que cada pessoa pertence.”¹⁰¹

Sendo o *Facebook* a rede social mais popular em Portugal, como anteriormente já referido, e a mais versátil devido às suas funcionalidades, pode ser considerado um ambiente de aprendizagem para fins de colaboração, construção de conhecimento, interação com os conteúdos e participação dos envolvidos, adequando-se às necessidades da turma¹⁰² e dos professores de EMRC.

⁹⁹ Rui Lima, professor do ensino básico, considerado pela Microsoft, um dos 18 professores mais inovadores do mundo, in <https://www.presenca.pt/livro/a-escola-que-temos-e-a-escola-que-queremos/>, (consultado a 25/05/17).

¹⁰⁰ Cf. QUEIRÓS, Margarida, *8 em cada 10 jovens portugueses já bloquearam alguém na internet*, in <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-01-21-Oito-em-cada-10-jovens-portugueses-ja-bloquearam-alguem-na-internet>, (consultado a 25/05/17).

¹⁰¹ RODRIGUES, L.M. Figueiredo, *O digital ao serviço da fé: formar para uma oportunidade*, pág.177.

¹⁰² Cf. SOUZA, Adriana; SCHNEIDER, Henrique, *Para além dos muros escolares: O Facebook ampliando os espaços de ensino e aprendizagem*, Atas do III Congresso Internacional das TIC na Educação, Lisboa,

A criação de “grupos fechados” no *Facebook* é a forma mais frequente de professores-alunos ou apenas professores integrarem esta rede social no processo de ensino/aprendizagem da EMRC. É importante salientar que esta ferramenta não pode ser de uso obrigatório nem exclusivo, mas sim, uma ferramenta complementar, combinada com outras.

Professores de qualquer zona do país podem, nestes grupos, interagir, fazendo uso de todas as funções que a rede apresenta. Hoje os docentes de EMRC contam com pelo menos dois grupos com um número considerável de inscritos. Falamos dos grupos “Docentes de emrc” com quinhentos e trinta e três membros e o “PROFESSORES DE EMRC” com trezentos e um¹⁰³:

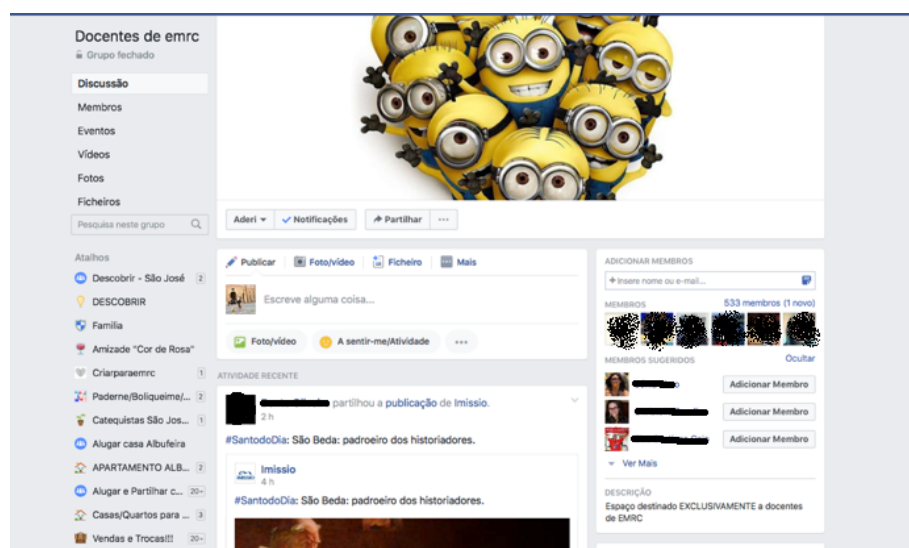


Figura 3- Mural do Grupo fechado “Docentes de EMRC”

2014, pág.114, in http://ticeduca2014.ie.ul.pt/downloads/AtasDigitais/Atas_Digitais_ticEDUCA2014.pdf, (consultado a 25/05/17).

¹⁰³ Verificado a 25/05/2017.



Figura 4 - Mural do Grupo fechado “PROFESSORES DE EMRC”

Nos dois maiores grupos, com membros de todas as zonas do país, constatamos uma partilha de inquietações, de trabalhos que realizam com os alunos, materiais que produzem, vídeos que consideram relevantes para a prática pedagógica. Nestes grupos estreitam-se laços de amizade e criam-se parcerias, tal como podemos observar nas imagens a baixo:



Figura 5 - Professora de EMRC que partilha um vídeo com os colegas



Figura 6 - Professor de EMRC partilha notícia com os colegas

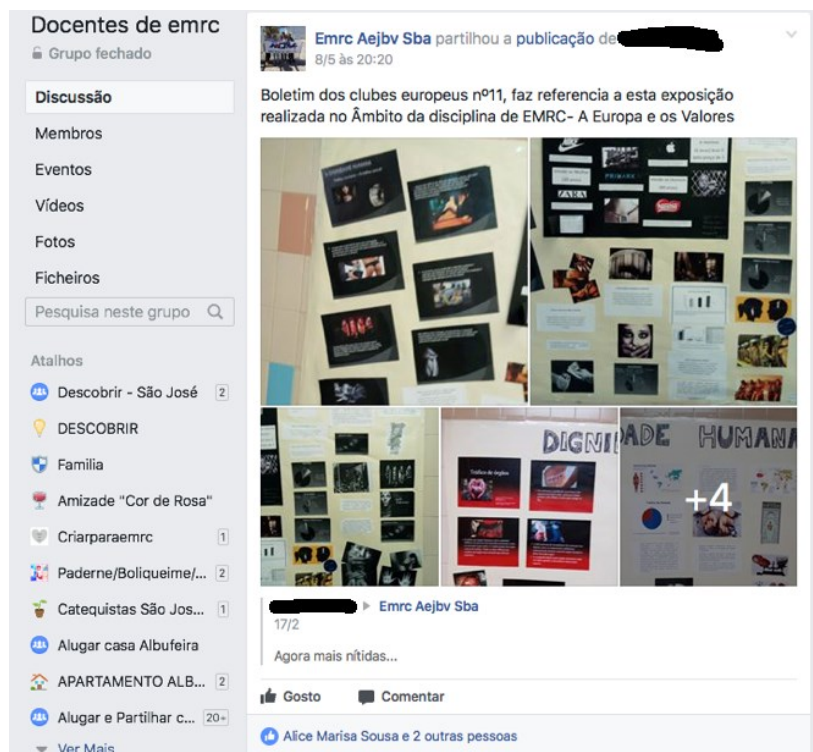


Figura 7 - Professora partilha trabalhos realizados pelos alunos



Figura 8 - Professora partilha angústias e pede ajuda aos colegas

Ao percorrer os murais dos dois grupos, constatamos que há o intuito de fomentar o intercâmbio entre colegas de diversas escolas, soluções de problemas, dissipação de dúvidas, partilha de materiais e diálogo entre todos. Existindo assim um perfil colaborativo e de enriquecimento mútuo dos professores, no desenvolvimento das dinâmicas em sala de aula, valorizando o conselho do Papa Bento XVI sobre esta temática em que nos diz: “Estas tecnologias são um verdadeiro dom para a humanidade: por isso devemos fazer com que as vantagens que oferecem sejam postas ao serviço de todos os seres humanos e de todas as comunidades, sobretudo de quem está necessitado e é vulnerável.”¹⁰⁴

A grande maioria dos adolescentes e jovens sente-se confortável com as características do *Facebook*, por serem utilizadores frequentes, isto oferece aos professores a garantia de que

¹⁰⁴ Mensagem do Papa Bento XVI para o 43^a Dia Mundial das Comunicações Sociais, 24 de maio de 2009, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html, (consultado a 25/05/17).

esta rede social não constitui um obstáculo no manuseamento da sua *interface*. O Papa Bento XVI na sua mensagem sobre as novas tecnologias e novas relações, em 2009, relembra que:

“De modo especial os jovens deram-se conta do enorme potencial que têm os novos «media» para favorecer a ligação, a comunicação e a compreensão entre indivíduos e comunidade, e usam-nos para comunicar com os seus amigos, encontrar novos, criar comunidades e redes, procurar informações e notícias, partilhar as próprias ideias e opiniões.”¹⁰⁵

Assim, o professor pode ajustar as suas metodologias ao perfil do aluno, criando um ambiente de aprendizagem centrado no mesmo, onde o *Facebook* pode ser um elemento chave. Pode usufruir das suas múltiplas potencialidades, fazendo desse “espaço” informal um lugar de partilha, interação, comunicação, colaboração entre todos, criando um ambiente propício à aprendizagem formal cooperativa e colaborativa. Embora alguns autores realçam que nem todos os docentes estão preparados para entrar no ambiente virtual no intuito de contactar com os seus alunos¹⁰⁶, ao navegar por esta rede social vamos encontrando exceções.

O ambiente de discussão e debate desenvolvido através dos grupos fechados, segundo o programa de EMRC, vem:

“favorecer o desenvolvimento de competências de comunicação e processos de pensamento (lógica, análise e síntese), uma melhor compreensão de conceitos, o

¹⁰⁵ *Ibidem*

¹⁰⁶ Cf. BRANCO, Susana, *A rentabilização pedagógica de um grupo fechado no Facebook na disciplina de Inglês*, Ciclo de Estudos Conducentes ao Grau de Mestre Em Educação, Universidade de Lisboa, 2014, pág. 26, in http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20035/1/ulfpie047101_tm.pdf, (consultado a 25/05/17).

pensamento crítico e o envolvimento e compromisso com as conclusões, através do diálogo e da escrita num ambiente que treina o respeito e a dignificação de todos.”¹⁰⁷

Os professores de EMRC não são alheios a esta realidade. Mais uma vez, ao introduzir “EMRC” no motor de busca do *Facebook*, localizamos alguns grupos onde alunos e professores partilham conteúdos, lançam debates, interagem, comunicam, etc. Partilho alguns exemplos de grupos que têm as suas publicações disponíveis para todos, ou seja, grupos abertos:



Figura 9 - Grupo “EMRC na Escola Secundária de Peniche”, Professora lança desafio

¹⁰⁷ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Moscavide, Lisboa, 2014, pág. 157.



Figura 10 - Grupo “EMRC-Agrupamento D. António Taipa – Freamunde”, administrador do grupo publica fotos de uma atividade.



Figura 11 - Grupo “EMRC_Viana Castelo”, administrador notícia sobre diálogo inter-religioso.

5. EDUCRIS - Um site ao dispor dos professores de EMRC

Atualmente o Secretariado Nacional para a Educação Cristã, oferece a todos os educadores na fé um site, www.educris.com, onde disponibiliza recursos destinados à Catequese, à EMRC e às Escolas Católicas.

A cada professor são cedidos um *login* e uma *password*, desta forma é possível aceder aos recursos disponibilizados. É importante referir que no EDUCRIS são disponibilizados recursos criados por um grupo restrito de docentes, não sendo possível que os recursos de qualquer professor possam ser facultados para todos os outros através da plataforma, sem aprovação prévia. Desta forma há uma seleção e filtragem do que é publicado, que reduz em muito a oferta.

6. Segurança na Internet

Se para os adultos a entrada no mundo digital foi uma novidade, o que levou alguns a procurar formação para poder lidar com toda a inovação, o mesmo não se pode dizer dos nossos alunos. As crianças e jovens de hoje nasceram numa era digital e aprenderam naturalmente a lidar com todos estes novos sistemas de forma intuitiva e interativa.

A Internet e as ferramentas *Web 2.0* não constituem qualquer novidade para os alunos portugueses. Os nossos adolescentes e jovens convivem diariamente com os diferentes e mais inovadores inventos a nível da Internet. De facto, novos horizontes, novos desafios, perspectivas e oportunidades se abrem, aos alunos, no contacto que estabelecem com o mundo da *Web*; ao mesmo tempo, também novos riscos e problemas podem surgir. Não basta ser um utilizador da Internet, importa ser um utilizador consciente e crítico. Hoje, sem dúvida, quer em termos pessoais, quer em termos profissionais, somos assaltados pela importância dos riscos que estão associados ao uso indevido, ilegítimo ou inadequado da Internet. É necessário educar com a *Web*, mas também é importante educar para a Internet.

Nos pontos anteriores foi referida a importância de educar com a *Web*, utilizando diversas estratégias que proporcionam aos alunos a entrada direta no ciber mundo. O professor hoje incentiva os seus alunos a fazer pesquisas, juntamente com a turma, cria blogues direccionados para os conteúdos lecionados, forma grupos fechados (ou não) no *Facebook*, estimula o visionamento de vídeos no *YouTube*, lança debates em *chat's*. Ora, assim sendo, as crianças e os jovens precisam saber utilizar este recurso de uma forma segura.

“Se o leque de oportunidades é amplo, o mesmo acontece com os perigos.”¹⁰⁸. Hoje encarregados de educação e professores estão cada vez mais atentos, preocupando-se com os

¹⁰⁸ GIL, Henrique; FÉLIZ, Carina, *Internet Segura no 1º Ciclo do Ensino Básico*, CASTI, 2015, pág. 119, in <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2871/1/internet%20segura.pdf>, (consultado a 26/05/17).

riscos aos quais as crianças e jovens estão expostos. Sendo que, os perigos que lhe causam mais preocupação são os de natureza social e emocional, nomeadamente ‘Phishing’ aliciamento ou ‘Grooming’ redes sociais e *cyberbullying*.¹⁰⁹

- Segundo o *site* internetsegura.pt, ‘phishing’ consiste em utilizar métodos tecnológicos que levem o utilizador a revelar dados pessoais e/ou confidenciais. Este ataque, normalmente, é acompanhado de uma mensagem de *spam*, que na maioria, direciona a presa para um *Website* onde o utilizador preenche os seus dados.
- Aliciamento ou ‘grooming’, é uma conduta de um suspeito de pedofilia e acontece quando um adulto interpela uma criança ou jovem na Internet, levando-o a fazer coisas forçadamente, com o objetivo de estabelecer uma atividade de índole sexual.¹¹⁰
- O *cyberbullying*, “*cyber*” diz respeito ao uso das novas tecnologias de comunicação e “*bullying*” significa maus tratos por parte de outro, neste caso, do *bullie* (rufião). É um problema particular dos adolescentes e jovens. Através do computador e *smartphones*, os agressores enviam sistematicamente mensagens ameaçadoras ou de ódio aos seus alvos. Os *bullies* (agressores) podem inclusivamente adotar nomes ou *nicks* de outros utilizadores, para envolver outras vítimas no processo. Noutras situações o *bullie* humilha publicamente, recorrendo às redes sociais ou ao envio de mensagens em massa para vários utilizadores, contendo imagens ou outros conteúdos que coloquem em causa a reputação da vítima.¹¹¹

¹⁰⁹ Cf. *Ibidem*

¹¹⁰Cf. <https://www.internetsegura.pt/tensduvidas>, (consultado a 26/05/17)

¹¹¹ Cf. *Ibidem*

- Existe uma grande percentagem de crianças e adolescentes com perfis em redes sociais. Adjacentes a estes existem uma série de problemas, tal como a publicação de dados pessoais na página de perfil; o roubo de identidade; existência de perfis falsos; perder o controlo de conteúdos publicados; dependência. À maioria das redes sociais acrescem os *chats* de conversação, sendo também eles uma fonte de perigo.

Existem vários projetos na prevenção e combate a estes e outros riscos a nível nacional, europeu e mundial. Neste domínio, são particularmente relevantes iniciativas como:

“ (...) o *Safer Internet Action Plan* (cf. <http://europa.eu.int/ISPO/iap/>) e o *Safer Internet plus programme*, que lhe sucedeu, e que pretendem promover o uso seguro da Internet. Em Portugal, estas iniciativas tiveram uma das suas expressões mais significativas através da implementação do projeto SeguraNet, coordenado inicialmente pelo GIASE (Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo) do Ministério da Educação.”¹¹²

Faz parte do dever dos encarregados de educação, assim como, do professor adotar estratégias de mediação relativamente às atividades *online* das crianças e jovens, nomeadamente:

- Mediação ativa dos usos da Internet em geral: a presença dos encarregados de educação e professores junto das crianças e jovens, quer seja através da simples proximidade física, quer seja através da partilha das mesmas atividades (co-utilizando o computador);

¹¹² GOMES, M^a João; VALENTE, Luís; DIAS, Paulo, *Promoção de comportamentos seguros na Internet – Um estudo de caso*, V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e comunicação na Educação, pág. 768, in <http://www.valente.org.pt/downloads/artigos/challenges07-seguranet.pdf>, (consultado a 27/05/17).

- Mediação ativa dos usos seguros da Internet: ter em conta a forma como antes, durante e depois, os encarregados de educação e professores tentam guiar os jovens através do uso seguro da Internet, ajudando-os em caso de dificuldade ou discutindo o que estes devem fazer numa situação de risco;
- Restrição ativa: definir regras explícitas que restrinjam os usos das crianças e jovens no que dizem respeito às aplicações (ou tipos de software) particulares;
- Monitorização: encarregados de educação e professores devem confirmar “a posteriori” a utilização que se fez na Internet, consultando, por exemplo, o histórico das atividades realizadas;¹¹³

Com o intuito de ajudar os educadores a empresa Microsoft, disponibiliza no seu *Website* sete princípios que pais e educadores devem ter em consideração:

- 1º. Dialogar sobre as TIC, promovendo uma comunicação aberta e positiva;*
- 2º. Alertar para os perigos online, para os conteúdos impróprios e para a invasão de privacidade;*
- 3º. Ajudar a proteger a identidade criando um nome para utilizarem por exemplo no MSN;*
- 4º. Explicar que nem tudo na Internet é correto;*
- 5º. Aconselhar a manutenção das regras de etiqueta, ou seja, que as regras de bom comportamento não se alteram só porque a comunicação é feita por computador;*
- 6º. Esclarecer sobre os direitos de autor, que fazer cópias ou downloads de músicas, filmes, videojogos é ilegal;*

¹¹³ Cf. FÉLIX, Catarina, *A Segurança na Internet – Utilização da Internet como recurso educativo no 1º Ciclo*, Investigação, Práticas e Contextos em Educação, pág. 68, in <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2852/1/A%20Seguranca%20Na%20internet.pdf>, (consultado a 27/05/17).

7º. *Proteger as atividades das crianças utilizando um software de segurança adequado, restrições de acesso que o ajudem a filtrar conteúdos inadequados, a monitorização dos sites que as crianças visitam.*¹¹⁴

Hoje tornou-se importante que as crianças e jovens adquiram um conhecimento digital que ultrapasse as competências de uso técnico e inclua dimensões associadas à adoção de comportamentos adequados no ciberespaço.

No capítulo I foi elaborada uma reflexão onde se compreende, através do perfil do professor e do aluno de hoje, a importância do uso das ferramentas da *Web 2.0* para a prática letiva. Neste capítulo, refletiu-se sobre a utilidades destas ferramentas tanto na planificação das aulas como na relação com os alunos e outros colegas. Para melhor corroborar o que foi supradito, elaborou-se um questionário e solicitou-se a todos os alunos finalistas do mestrado em Educação Moral e Religiosa Católica que respondessem e a análise dos dados recolhidos encontra-se no capítulo seguinte.

¹¹⁴ Cf. *Ibidem*, pág. 70.

Capítulo III - UM ESTUDO EMPÍRICO

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica.”¹¹⁵

¹¹⁵ QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc, *Manual de Investigação em ciências sociais*, Gradiva, Lisboa, 2005, pág. 89.

1. Introdução à investigação

Para fins de validação das informações e “teorias” referidas ao longo deste Relatório, considerei importante demonstrar, com base numa pequena, mas significativa amostra, que a *Web 2.0* e tudo o que está inerente à mesma, faz parte do dia a dia dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica.

Assim sendo, este estudo tem como objetivos compreender:

1. Qual a importância que a *Web 2.0* teve ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, dos alunos finalistas do Mestrado em Educação Moral e Religiosa Católica, do ano letivo 2016/2017.

2. A valorização que os professores atribuem à partilha de recursos por parte de outros colegas em blogues e grupos de *Facebook*.

1.1 Opção metodológica

Considerando os objetivos da investigação e as suas características exploratórias, assim como a população que abrange, optei por uma abordagem de carácter misto (quantitativa e qualitativa) onde recolhemos dados quantitativos com recurso ao inquérito por questionário e através da análise de conteúdos de documentação. Tendo ainda em consideração que a utilização do inquérito por questionário “(...) se presta bem a uma utilização pedagógica pelo carácter muito preciso e formal da sua construção e da sua aplicação prática.”¹¹⁶

Este método consiste em colocar uma série de perguntas, que se direccionam para o estudo realizado, a um conjunto de inquiridos representativo de uma população. As respostas à

¹¹⁶ *Ibidem*, pág. 186.

maior parte das perguntas são pré-codificadas, de maneira a que os inquiridos devem obrigatoriamente escolher as suas respostas entre as que lhe são formalmente propostas.¹¹⁷

1.2 Síntese da investigação

Este capítulo relata uma investigação composta por um estudo realizado a 21 alunos, de um total de 28, finalistas do Mestrado em Educação Moral e Religiosa Católica do ano letivo 2016/2017. Pretendi com este trabalho, clarificar a necessidade do uso das ferramentas da *Web 2.0* na prática pedagógica, assim como verificar a necessidade de uma comunidade de aprendizagem *online* direcionada exclusivamente para professores de EMRC.

1.3 Estudo realizado com os alunos finalistas do mestrado em EMRC

1.3.1 Descrição do estudo

O capítulo surge na sequência da atividade realizada e descrita no capítulo I e nas leituras efetuadas para o capítulo II, dando origem a um estudo que envolveu 21 professores de EMRC em fase de estágio curricular.

Esta investigação pretendeu caracterizar, identificar e compreender as opiniões dos professores sobre as potencialidades do uso da *Web 2.0* na prática pedagógica da EMRC e perceber qual o impacto que os conhecimentos do professor, relativos às tecnologias e à *Web 2.0* têm na sua relação com os alunos.

Optei pela recolha de dados por questionário de perguntas com resposta pré-codificada e algumas questões de tipo aberto, pela facilidade na aplicação e no ato de responder, no

¹¹⁷ Cf. *Ibidem*, pág. 188.

processo e análise. Este método apresenta a possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises estatísticas.¹¹⁸

O questionário aplicado aos professores tinha os seguintes objetivos:

- Caracterizar a amostra quanto ao ano de escolaridade e à unidade letiva que lecionaram na PES;
- Caracterizar a importância da *Web 2.0* ao longo da PES;
- Indagar até que ponto a *Web 2.0* foi utilizada para a planificação das aulas;
- Averiguar quais as ferramentas da *Web 2.0* utilizadas pelos professores e qual a frequência de utilização;
- Indagar a importância da *Web 2.0* no aprofundamento dos conteúdos do programa;
- Caracterizar a importância dos conhecimentos do professor em relação à *Web 2.0* e às tecnologias na prática letiva;
- Averiguar a necessidade de consultar e partilhar materiais de EMRC na *Web 2.0*;
- Indagar sobre a presença dos professores, em grupos destinados à disciplina, no *Facebook*.

Para fins de validação dos conteúdos do questionário e de análise da sua adequação aos inquiridos, a primeira versão do questionário foi analisada pelos dois orientadores da dissertação. O objetivo desta fase de validação era obter informações que permitissem proceder ao melhoramento do questionário.

A versão final do questionário foi, então, aplicada no ano letivo 2016/2017 aos 28 professores de EMRC que estavam a terminar a sua PES, obtiveram-se 21 respostas.

¹¹⁸ Cf. *Ibidem*, pág. 189.

As repostas obtidas nos questionários, foram sujeitas a uma análise estatística descritiva.

1.3.2 População e amostra

Em investigação, população é o conjunto de elementos constituintes de um todo, que queremos compreender em profundidade ou aos quais pretendemos generalizar os resultados, consoante a investigação seja quantitativa ou qualitativa. O estudo em questão é qualitativo, a população é constituída por todos os professores portugueses que lecionam EMRC.

Os professores relevantes para este estudo seriam, todos os professores de EMRC do país, atendendo às limitações de tempo, aos objetivos do estudo e dado que serão bastantes e estão dispersos, em termos geográficos, para a amostra foram selecionados 28 professores, dos quais 21 responderam ao questionário, tendo como base o facto de: se encontrarem a terminar a PES; terem disponibilidade para colaborarem no estudo; e estarem acessíveis à investigadora. Pelo exposto, este grupo de professores é uma amostra de conveniência e não probabilística. Este método tem vantagens, é rápido e fácil de pôr em prática, mas tem a desvantagem de os resultados obtidos dificilmente poderem ser generalizados para além do grupo em estudo.

Na tabela 1 apresento uma caracterização, relativamente ao ano de escolaridade e unidade letiva que o professor lecionou na PES, sumária da amostra dos professores que participaram neste estudo. Os professores foram identificados através das siglas P_i , onde i representa o número de ordem atribuído a cada professor (1 a 21), de forma a manter o anonimato.

Professor	Ano de Escolaridade	Unidade Letiva (U.L.)		
P1	6º ano	U.L. 1	-	-
P2	6º ano	U.L. 1	U.L. 2	
P3	9º ano	U.L. 1	U.L. 2	U.L. 3
P4	9º ano	U.L. 2	-	-
P5	9º ano	U.L. 1	-	-
P6	6º ano	U.L. 1	U.L. 2	U.L. 3
P7	5º ano	U.L. 2	U.L. 3	-
P8	5º ano	U.L. 1	-	-
P9	6º ano	U.L. 1	U.L. 2	-
P10	5º ano	U.L. 1	U.L. 4	-
P11	5º ano	U.L. 1	U.L. 4	-
P12	6º ano	U.L. 2	-	-
P13	6º ano	U.L. 2	-	-
P14	5º ano	U.L. 1	-	-
P15	5º ano	U.L. 3	-	-
P15	6º ano	U.L. 2	-	-
P17	9º ano	U.L. 3	-	-
P18	6º ano	U.L. 1	-	-
P19	9º ano	-	-	-
P20	9º ano	U.L. 1	U.L. 2	-
P21	6º ano	U.L. 1	U.L. 2	

Tabela 1 – Caracterização da amostra dos professores (N=21)

A amostra, heterogénea, é composta por seis professores que lecionaram o 5º ano, dez que lecionaram o 6º ano e por cinco que lecionaram o 9º ano, sendo que um não respondeu. A maioria dos professores lecionou, ao longo da PES, apenas uma unidade letiva.

1.3.3 Instrumento de Recolha de Dados - Questionário

Optei pelo uso do questionário para a recolha dos dados. Em relação à sua elaboração o primeiro passo foi uma definição clara dos objetivos a atingir com o processo de inquérito, já que este seria o único método de recolha de dados do estudo.

Procurei conseguir um objeto coeso, constituído por um conjunto de questões bem encadeadas, que estivesse bem organizado de modo a ter coerência intrínseca e configurar-se de forma lógica para quem a ele respondesse.

Formulei questões de tipo “fechado” para as quais se apresenta uma lista de respostas e, questões do tipo “aberto” às quais o professor tem liberdade de responder como bem entender.

Em termos gerais o questionário é composto por três núcleos de questões:

1. Perguntas de identificação, que se destinam a identificar o inquirido, não nominalmente porque o questionário pretende ser anónimo, mas referenciando o ano e a unidade que lecionou;
2. Perguntas de informação, que têm como objetivo coletar opiniões do inquirido sobre a temática em análise;
3. Perguntas de controlo, destinadas a verificar a veracidade de algumas respostas dadas noutra parte do questionário.

O questionário engloba treze questões, algumas desdobradas, as quais estão estruturadas da seguinte forma:

Nº de questões	Objeto de Estudo
1	Identificação do Ano e Unidade Letiva
6	Importância da utilização da <i>Web 2.0</i> , em todas as suas vertentes, na prática pedagógica.
1	Necessidade de consultar e partilhar materiais de EMRC na <i>Web 2.0</i>
1	A presença dos professores, em grupos destinados à disciplina, no <i>Facebook</i> .

Tabela 2 – Nº de questões por objetos de estudo

Das treze questões que fazem parte do questionário, duas são do tipo aberto, sendo que uma delas se refere à unidade letiva que leciona e outra aos blogues que consulta. As restantes questões são do tipo “fechado”, de escolha dicotômica ou múltipla, bastando ao inquirido assinalar uma ou mais respostas de uma lista de respostas possíveis apresentada.

Na tabela 3 apresento a síntese do questionário utilizado neste estudo:

Questão	Tipo de Pergunta	Objetivo
1. Identificação do Ano e Unidade Letiva		
1. Qual o ano letivo que lecionou ao longo da PES?	Fechada	Identificar o ano letivo que lecionou
1.1 Qual/Quais a(s) unidade(s) letiva(s) que lecionou ao longo da PES?	Aberta	Identificar a unidade letiva que lecionou
2. Importância da utilização da <i>Web 2.0</i>, em todas as suas vertentes, na prática pedagógica		
2. Acha importante a utilização da <i>Web 2.0</i> para a prática letiva?	Fechada	Determinar a importância da utilização da <i>Web 2.0</i>

3. Ao longo da PES fez uso da web 2.0 para a planificação das aulas?	Fechada	Conhecer o contexto da utilização da <i>Web 2.0</i> .
4. Qual foi (aproximadamente) a percentagem de aulas nas quais fez uso da <i>Web 2.0</i> ?	Fechada	Caracterizar a frequência anual da utilização da <i>Web 2.0</i> .
5. Quais as ferramentas da <i>Web 2.0</i> usou e com que frequência?	Fechada	Identificar as ferramentas que os sujeitos utilizaram
6. Utilizou a <i>Web 2.0</i> para aprofundamento dos conteúdos do programa?	Fechada	Caracterizar a frequência anual da utilização da <i>Web 2.0</i> .
7. O facto do professor de EMRC ter conhecimentos da <i>Web 2.0</i> e de tecnologia:	Fechada	Identificar os motivos da utilização da <i>Web 2.0</i> .

3. Necessidade de consultar e partilhar materiais de EMRC na *Web 2.0*

8. Considera importante a partilha de materiais de EMRC, por parte dos professores, na <i>Web 2.0</i> ?	Fechada	Determinar a importância da partilha de materiais na <i>Web 2.0</i> .
8.1 Relativamente aos blogues de partilha de recursos para a disciplina de EMRC:	Fechada	Caracterizar o tipo de utilização e frequência que o sujeito faz dos recursos partilhados.
8.2 Referencie um ou dois blogues que costuma consultar:	Aberta	Identificar os blogues mais consultados

4. A presença dos professores, em grupos destinados à disciplina, no *Facebook*.

9. Pertence a algum grupo de professores de EMRC na rede social <i>Facebook</i> ?	Fechada	Determinar os grupos de professores presentes na rede social
9.1. Segue alguma página de EMRC na rede social <i>Facebook</i> ?	Fechada	Identificar as páginas de EMRC seguidas pelos sujeitos

Tabela 3 – Quadro-síntese do questionário

O presente questionário foi aplicado através da ferramenta *Google Forms*, enviado por *email* para a amostra, a qual respondeu *online*.

1.3.4 Tratamento dos Dados

Os dados foram tratados estatisticamente, utilizando os resultados fornecidos pela ferramenta *Google Forms*.

Para as questões de resposta “fechada”, realizei uma análise quantitativa das respostas, tomando como categorias de resposta as alternativas propostas. Para a apresentação dos dados foram utilizadas técnicas de *estatística* descritiva, tabelas e gráficos.

Para as questões de resposta “aberta”, realizei uma análise de conteúdos das respostas, dividindo-as em duas categorias: unidade letiva e blogues.

2. Apresentação e análise dos dados

2.1 Identificação do Ano e Unidade Letiva

A amostra lecionou apenas o quinto, sexto e nono anos. Sendo que 42,9% lecionou o sexto ano e 28,6% lecionou o quinto ou o nono. (Gráfico 4)

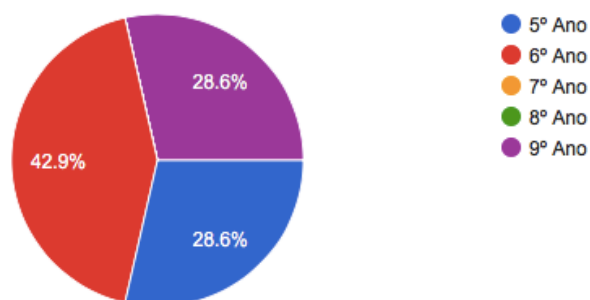


Gráfico 4 – Ano de escolaridade que lecionou

2.2 Importância da Utilização da Web 2.0 para a Prática Letiva

De todos os professores que constituem o grupo amostra, contei que oito, numa percentagem de 38,1%, consideram muito importante a utilização da *Web 2.0* para a prática letiva, já treze professores, numa percentagem de 61,9%, consideram importante. (Gráfico 5)

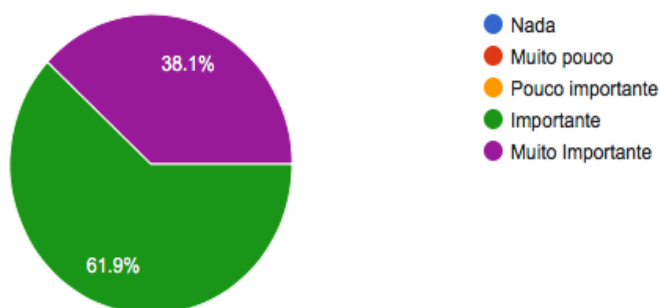


Gráfico 5 – Importância da utilização da *Web 2.0*

Através do questionário aplicado, constatei que os professores inquiridos estão agora, mais imiscuídos no mundo da *Web 2.0*, tendo feito dela uma ferramenta de trabalho. Todos os professores, pertencentes à amostra, com mais ou menos frequência, recorrem à *Web 2.0*. Quando inquiridos sobre a importância da utilização da *Web 2.0 para a Prática Letiva*, num o conjunto de respostas “Nada importante”, “Muito pouco importante”, “Pouco importante”, “Importante” e “Muito importante”, as primeiras três opções não foram selecionadas por nenhum professor. Estes resultados refletem que os professores inquiridos constataam o valor da *Web 2.0* como um instrumento didático e que reconhecem o facto de hoje a humanidade viver numa sociedade em rede, onde as novas tecnologias são fornecedoras de informação e comunicação¹¹⁹.

2.3 Uso da *Web 2.0* na Planificação das Aulas

Relativamente ao uso da *Web 2.0* para a planificação das aulas, pelos professores, verifiquei que a maioria (61,9%) utilizou muitas vezes a *Web* para planificar as suas aulas, sendo que 23,8% usou algumas vezes e apenas uma minoria de 14,3% afirmaram usar sempre.

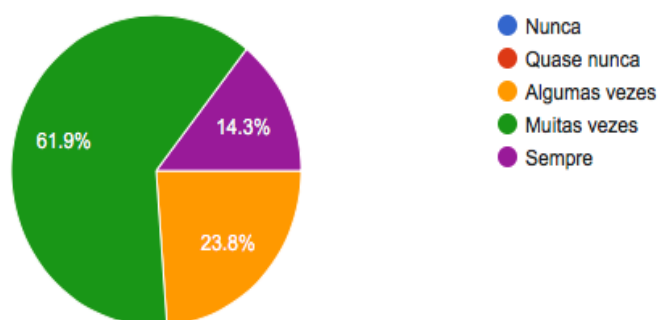


Gráfico 6 – Uso da *Web 2.0* na planificação das aulas

¹¹⁹ Cf. RODRIGUES, L.M. Figueiredo, *O digital ao serviço da fé: formar para uma oportunidade*, pág. 92.

Neste ponto torna-se importante salientar que a utilização da *Web* varia desde a simples busca por uma imagem à pesquisa de notícias relacionadas com a matéria, entre muitas outras coisas. Desta forma um professor que pretenda planificar aulas mais dinâmicas e entrando no conceito referido no capítulo anterior, “o professor tem que pensar “fora da caixa””, pode encontrar na *Web. 2.0* um leque variado de opções. Podemos concluir através destes dados, que existe por parte do professor uma preocupação em ir ao encontro do perfil do aluno nos dias de hoje, melhorando substancialmente a sua prática letiva.

2.4 Percentagem de aulas nas quais fez uso da *Web 2.0*

No que concerne à percentagem de aulas nas quais o professor fez uso da *Web 2.0*, verifiquei que apenas três professores fizeram uso da mesma em 100% das aulas, onze professores usaram a *Web* em 75%, quatro professores em 50% e três professores em apenas 25%.

% Aulas nas quais fez uso da <i>web</i>	Nº de professores
25%	3
50%	4
75%	11
100%	3

Tabela 4 - % aulas nas quais fez uso da *Web*

Através das questões anteriores compreendemos que os professores inquiridos valorizam o uso da *Web 2.0*. São várias as constatações que posso retirar destas respostas, em primeiro compreendi que há uma preocupação por parte do professor em enquadrar nas suas aulas aquela que é a realidade dos alunos; Em segundo e pelos números, percebi que a maioria (dezoito professores) utilizaram em mais de 50% das suas aulas a *Web*, estes dados refletem

uma maior consciência para a necessidade, cada vez mais urgente, de novas técnicas de ensino, considerando assim a *Web* como uma forte aliada neste processo; Por último saliento o facto de existirem três professores que só usaram a *Web* em 25% das aulas, este é um numero muito reduzido, mas que pode refletir que para alguns professores a *Web* ainda é considerada um grande desafio e uma realidade pouco presente.

2.5 Ferramentas da *Web 2.0* e a frequência com que usou

Em relação às ferramentas da *Web 2.0* que o professor usou e a frequência da sua utilização, pode observar que o *YouTube* e o motor de busca *Google* foram as mais utilizadas, apresentando-se o *Prezi* em segundo lugar.

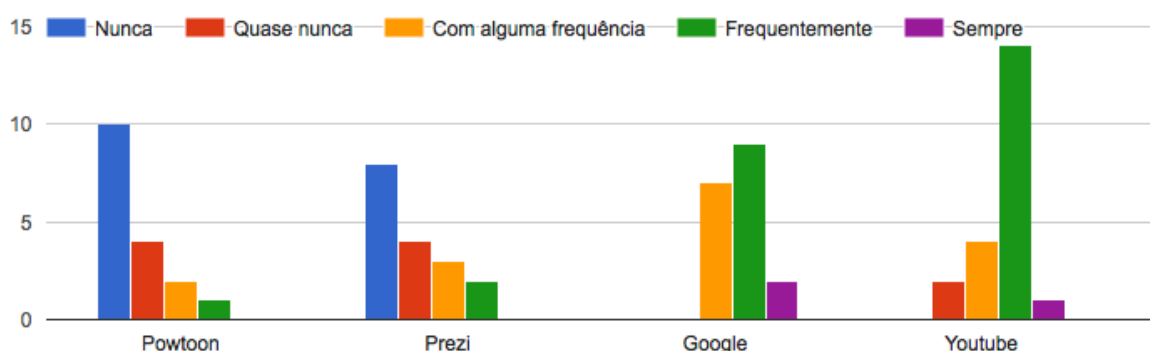


Gráfico 7 – Ferramentas da *Web 2.0* e a frequência com que usou

No capítulo II, referi as vantagens e desvantagens da utilização das ferramentas da *Web 2.0*, assim como algumas das ferramentas mais usadas na planificação e preparação de aulas. Ao analisar-se os resultados do inquérito, constatei que os professores começam a estar abertos a este novo conceito, embora ainda o utilizem pouco. O *YouTube* é sem dúvida a ferramenta utilizada com mais frequência, seguida do motor de busca do *Google*. Ao pensar sobre estas ferramentas, facilmente me apercebo que são aquelas que necessitam de menos conhecimentos informáticos na ótica do utilizador, assim sendo os professores recorrem a ela com mais

frequência. O *Powtoon* e o *Prezi*, são as ferramentas menos utilizadas, pode concluir que uma das razões encaixa também na ótica do utilizador, se as ferramentas anteriores requeriam menos conhecimentos, estas duas são mais complexas, o que leva o professor a coloca-las de parte, isto porque de certa forma, existe formação profissional insuficiente nesta área¹²⁰. Já foi referido anteriormente que os professores são uma das classes mais envelhecidas, segundo o Perfil do docente 2014/2015¹²¹, este pode ser um obstáculo, dado que a geração à qual a maioria dos professores pertence não nasceu com acesso direto a todas estas ferramentas, pelo contrário, viu-as surgir uma a uma, numa realidade que, em muitos casos, não foi paralela à sua, tornando-se difícil o contacto com este meio.

2.6 *Web 2.0* no aprofundamento dos conteúdos do programa

Quando inquiridos sobre a utilização da *Web 2.0* no aprofundamento dos conteúdos do programa, nenhum inquirido respondeu que não faz uso da mesma, embora três tenham respondido que quase não a usam. Mais de 50% (52,4%) respondeu que utilizava com alguma frequência, 28,6 % respondeu que usa frequentemente e 9,5% respondeu que faz sempre uso da *Web 2.0* para aprofundamento dos conteúdos.

¹²⁰ A maioria dos professores realiza formações através de três entidades, os sindicatos dos quais fazem parte, as editoras que publicam os manuais e por fim as universidades espalhadas pelo país. Sendo que os professores de EMRC, normalmente, realizam formação através do SNEC (editora dos manuais e entidade responsável pela disciplina a nível nacional), através dos secretariados das suas dioceses e da Universidade Católica. Muitas das outras formações não estão diretamente ao seu alcance, embora haja professores de EMRC a procurar formação fora das entidades encarregues para tal. Ao pesquisar sobre formação para estes professores, encontramos uma preocupação acrescida por parte do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa, que promove anualmente um encontro de formação nesta área, denominado “Do Clique ao Toque” (<http://braga.ucp.pt/crbr/component/k2/item/259-2-encontro-do-clique-ao-toque>); no presente ano letivo na diocese de Lisboa, o Secretariado diocesano do Ensino Religioso, dinamizou uma formação sobre a aplicação das ferramentas da *Web 2.0* sob o lema “*EMRC e as Novas Tecnologias no 1º Ciclo*” (<http://www.sder.pt/noticia/-a-emrc-e-as-novas-tecnologias-no-1-ciclo:149>).

¹²¹

In [http://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=683&fileName=DGEEC_DSEE_DEE_BS_DEES_2016_PerfilDocente.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=683&fileName=DGEEC_DSEE_DEE_BS_DEES_2016_PerfilDocente.pdf) (consultado a 14/06/2017)

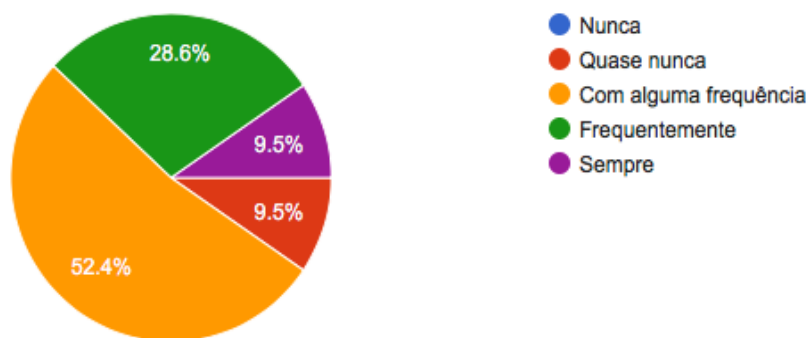


Gráfico 8 – *Web 2.0* no aprofundamento dos conteúdos do programa

Este facto é relevante por duas razões, a primeira reflete que os professores se preocupam em atualizar o seu conhecimento e ensinar cada vez melhor, demonstrando consciência que na *Web 2.0* podem encontrar todo o tipo de recursos, desde livros online, filmes, artigos científicos, entre outros; A segunda retrata uma procura de autoformação, ou seja, estes professores têm consciência de que a sua “formação se coloca como um processo dinâmico e sempre inacabado.”¹²²

2.7 Relação entre a literacia digital do professor e a sua prática educacional

No questionário os professores foram inquiridos relativamente à relação que os seus conhecimentos da *Web 2.0* e as novas tecnologias tinham com sua prática educacional. A maioria considerou que estes recursos são muito importantes na planificação das suas aulas

¹²² ESPÓRIO, Vitória; ELIAS, Marisa; MARTINS, M^a Anita, *A pesquisa qualitativa e o trabalho de formação do educador*, I Congresso Internacional de Formação de Professores nos Países de Língua e Expressão Portuguesas, Centro Integrado de Formação de Professores da Universidade de Aveiro, 1993, pág.166.

tornando-as mais interessantes, com uma prática mais inovadora e criativa. Os resultados apresentam-se na tabela seguinte.

	Pouco relevante	Relevante	Muito Relevante
Melhora a relação aluno-professor	6	10	5
Melhora a planificação das aulas	0	12	9
Melhora a atualização do conhecimento	1	12	8
Permite ao professor lecionar aulas mais interessantes	3	6	12
Permite ao professor fazer uso de novos recursos na prática letiva	0	10	11

Tabela 5 - % de aulas nas quais se fez uso da *Web*

Este questionário tinha igualmente como objetivo perceber a relevância que atribuíam os professores aos conhecimentos da *Web 2.0* e das novas tecnologias. As respostas a esta questão permitem-me compreender se os professores atuais (apenas os inquiridos) entendem os alunos de hoje.

- Ao analisar o perfil do aluno, percebi que este vive emerso na tecnologia, na *Web 2.0* e nas suas ferramentas, e que para o compreender é importante entender/conhecer o seu mundo, assim sendo, o aluno identifica-se mais com um professor que conhece o seu mundo, do que com um professor que o desconhece. A maioria dos professores inquiridos reflete esta opinião na sua resposta. Para estes professores o facto de terem conhecimentos de tecnologia e da *Web 2.0*, melhora a relação aluno-professor. Apesar desta constatação, verificamos que existem seis professores que consideram pouco relevante este facto, o que é preocupante visto ter sido comprovado que, tal como lemos no perfil do professor e do aluno, o facto do professor conhecer o habitat dos alunos (que hoje é um mundo digital) proporciona um melhor relacionamento

professor/aluno, melhora o ambiente de sala de aula e as condições de ensino, o método de ensinar pode e deve sempre passar por este habitat;

- Tanto no que diz respeito ao perfil do professor, como do aluno, salientou-se a relevância de inovar dentro da sala de aula, hoje, mais do que nunca, o professor tem essa oportunidade através das ferramentas que vão surgindo na *Web 2.0*. Isto só pode acontecer se o professor conhecer o meio digital e, mais importante, se estiver aberto a aprender e a aprofundar os seus conhecimentos. Os professores inquiridos demonstram ter essa preocupação, identificando como necessário este ponto na lecionação de aulas mais interessantes, na atualização do seu conhecimento e na planificação das aulas.

2.8 Importância da partilha de materiais de EMRC, por parte dos professores, na *Web 2.0*

Relativamente à importância da partilha de materiais de EMRC, por parte dos professores, na *Web 2.0*, a maioria dos professores (57,1%) considerou muito relevante a partilha, sendo que 38,1% acha relevante e apenas 4,8% considera pouco relevante.

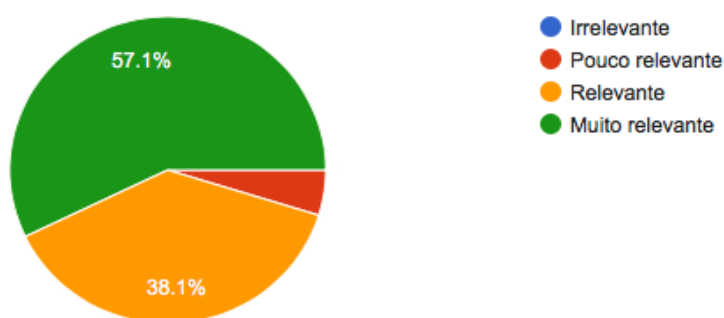


Gráfico 9 - Importância da partilha de materiais de EMRC

2.8.1 Visualização/Utilização de Blogues de partilha de recursos para a disciplina de EMRC

Quando questionados sobre a forma como utilizavam os recursos partilhados nos blogues da disciplina, as respostas foram variadas. A maioria dos inquiridos consulta blogues da disciplina e retira ideias dos recursos partilhados, é possível também observar que a maioria aprecia o trabalho dos colegas. Quanto à utilização dos recursos disponibilizados, verifiquei que oito quase nunca utilizam, sete utilizam com alguma frequência e quatro com frequência.

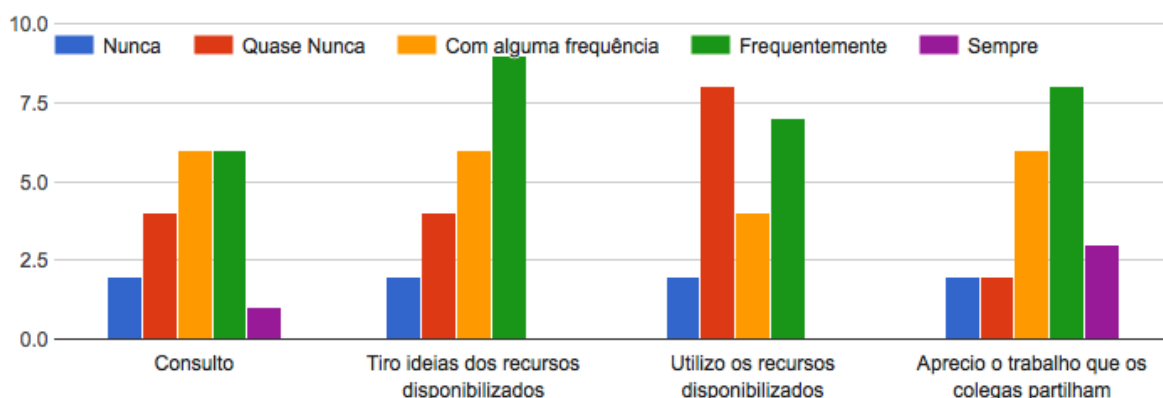


Gráfico 10 - Visualização/Utilização de Blogues de EMRC

2.8.2 Blogues de EMRC

Relativamente aos blogues direcionados para a disciplina, os professores foram inquiridos numa pergunta de resposta aberta, de modo a não influenciar opiniões, as respostas foram categorizadas e agrupadas de forma a permitir uma melhor leitura e interpretação dos dados.

Dos vinte e um inquiridos, apenas dezasseis responderam a esta questão.

Blogue	Nº de consultores
<i>criarparaemrc.blogspot.pt</i>	12

<i>sermais.blogspot.pt</i>	9
<i>peixinhosnosotao.blogspot.pt</i>	2
<i>Crescercomemrc.blogspot.pt</i>	1

Tabela 6 – Blogues de EMRC

Na introdução é referido que muitos professores se debatem com o facto de serem os únicos do seu grupo de docência e que isso dificulta o seu espaço de partilha e interação ao nível da disciplina que lecionam.

2.9. Grupos de professores de EMRC na rede social *Facebook*

Com o objetivo de compreender a presença dos professores de EMRC nos grupos fechados direcionadas para a disciplina, apresentei aos docentes dois dos principais grupos e a opção: outros. Dos vinte e um inquiridos, dezasseis pertencem aos grupos fechados enunciados na questão.

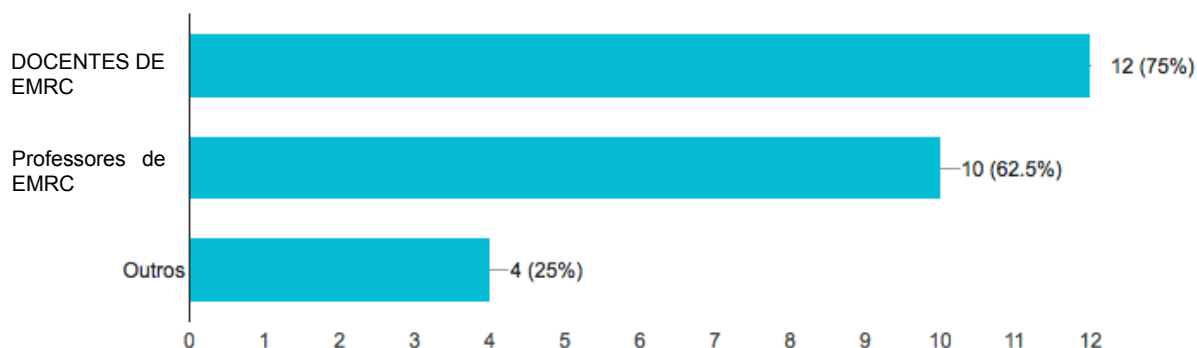


Gráfico 11 – Presença dos professores nos grupos fechados do *Facebook*

2.9.1 Páginas de EMRC na rede social *Facebook*

Quando inquiridos sobre as páginas de EMRC que seguiam no *Facebook*, os professores revelaram que seguem as páginas de *Facebook* referentes aos *Blogues* que costumam visitar, tal como a “Criar para EMRC” e a “Ser Mais”, outra página que é seguida em maior volume é a página “EMRC”.

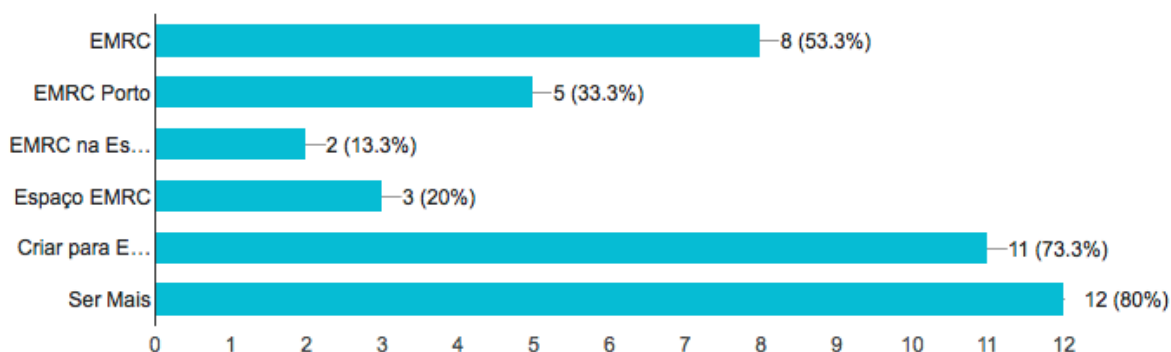


Gráfico 12 – Páginas que os professores de EMRC seguem na rede social *Facebook*

As respostas às questões oito e nove demonstram que os professores procuram alternativas a este problema:

- A maioria dos inquiridos considera importante a partilha de materiais nos Blogues da disciplina, assim como faz, de uma forma ou de outra, uso dos recursos que neles se publicam. Embora se conclua que os professores consultam recursos partilhados na *Web 2.0*, também se verificou que são maioritariamente dois os Blogues consultados, o que reflete pouca oferta. É de constatar ainda que embora o SNEC ofereça recursos aos professores de EMRC, através do site EDUCRIS, este não foi referido vez nenhuma;
- No capítulo II foram dados exemplos de como os professores comunicavam nas redes sociais, principalmente através das páginas e dos grupos fechados do *Facebook*. Embora nem todos os professores tenham respondido à questão, provou-se que a maioria pertence aos grupos de professores e segue páginas vocacionadas para a disciplina. O que me leva a considerar que existe um sentido de comunidade entre os professores de EMRC.

Todo o Relatório remete para a importância da utilização da *Web 2.0* na prática letiva da disciplina de EMRC. Os resultados adquiridos com a aplicação do questionário vieram exatamente mostrar-nos que neste pequeno universo de professores valoriza-se tudo o que advém do mundo virtual. O perfil do aluno, o carácter da disciplina, a necessidade de preparar aulas cada vez mais dinâmicas e interativas, as vantagens de determinadas ferramentas oferecem, assim como a possibilidade que a rede social – *Facebook* – oferece para a partilha, confraternização e aprendizagem dos professores, que são tidos em consideração pelos inquiridos e interligam-se numa sequência harmoniosa.

Capítulo IV - A CRIAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

“A *Web* pode ser, de facto, uma oportunidade para a promoção da amizade e de evangelização, através da partilha sincera de interesses, preocupações, anseios, bem como de reflexões pessoais (...). A partilha é uma riqueza (...).”¹²³

¹²³ RODRIGUES, L.M. Figueiredo, *O digital ao serviço da fé: formar para uma oportunidade*, pág. 177.

1. Introdução

Foram várias as referências feitas, ao longo deste Relatório, que direcionaram para a necessidade de uma comunidade de aprendizagem para professores de EMRC.

É de salientar alguns pontos referidos:

- O professor de EMRC está, em muitos casos, sozinho num agrupamento de escolas;
- É necessária uma formação contínua;
- É sentida, da parte dos professores, a necessidade de uma partilha ativa de materiais;
- Alguns professores criaram plataformas pessoais, sob a forma de blogues, onde partilham o que produzem;
- Na rede social *Facebook*, por iniciativa própria, os professores criaram grupos/páginas onde partilham interesses, dúvidas, angústias e materiais.

Antes de continuar é importante salientar que os professores de EMRC são regidos por um regime diferente de todos os outros professores. Por cada diocese existe um secretariado responsável pelos seus professores, todos estes secretariados diocesanos se agrupam num secretariado nacional. Estes secretariados, tanto o diocesano como o nacional, são responsáveis por disponibilizar recursos e materiais aos professores, assim como oferecer formação aos mesmos. No Secretariado Nacional de Educação Cristã existe uma equipa que deve “permitir e proporcionar o intercâmbio de saberes e atividades e planificar todas as atividades, com o conhecimento e aprovação do Secretariado Diocesano e com conhecimento do SNEC”¹²⁴.

¹²⁴ SNEC, “*Funcionamento da Equipa Nacional de Apoio à EMRC*”, in <http://www.educris.com/v3/91-equipanacionaldeapoioaemrc/847-funcionamento>, (consultado a 1/06/17).

Durante o ano letivo são propostas aos professores ações de formação, algumas delas através do SNEC, e disponibilizados no centro de recursos do Educris¹²⁵ alguns recursos digitais para a lecionação da disciplina. Contudo, e constato pela aplicação do inquérito aplicado, que este site não é frequentado de uma forma assídua pelos docentes. Isto deve-se, talvez, ao facto de ser difícil efetuar o download dos recursos disponibilizados e de alguns deles necessitarem de *software* específico.

Foi com a experiência profissional e a frequência do Mestrado em EMRC que comecei a desenhar a temática deste Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada.

No ano de 2009 foi convidada a lecionar EMRC, aceitei o desafio na ignorância do que se adivinhava. Quando me dirigi ao secretariado da diocese a que pertenço, com o objetivo de receber os materiais e algumas orientações necessárias para a lecionação, deparei-me com um conjunto de manuais, alguns deles apenas dirigidos aos alunos, outros já com o manual do professor e um cd com alguns recursos. Fiquei assustada com tão poucos recursos, mas um grupo de colegas facultou-me os seus materiais e o link de um blogue¹²⁶ que disponibilizava semanalmente recursos muito interessantes.

Rapidamente, também eu comecei a produzir os meus próprios manuais e achei que seria interessante partilhá-los com quem precisava e assim nasceu o meu blogue. Imediatamente comecei a receber *emails* de colegas a agradecer a partilha, a dar sugestões de recursos que eles usavam e se eu os podia partilhar. Nas formações nacionais também era abordada por professores de outras dioceses, pessoas que eu não conhecia, a agradecer a atenção que tinha para com eles, tal como nos cinco anos em que frequentei a Universidade Católica foram muitos os colegas, tanto do meu ano como de outros, que elogiaram a minha atitude de partilha. Tudo

¹²⁵ SNEC, “Centro de Recursos”, in <http://www.educris.com/v2/centrorecursos/#qualquer/>, (consultado a 02/06/17)

¹²⁶ sermais.blogspot.pt

isto fez-me compreender que, se tinha a oportunidade de dissertar sobre algo relacionado com a EMRC, deveria ser sobre esta carência de materiais de apoio, mas ao mesmo tempo de partilha, sobre esta distância e solidão dos professores, mas aos mesmo tempo união e sentido de comunidade que vivem, tudo isto numa realidade (*Web 2.0*) que é tão comum nos dias de hoje à nossa sociedade.

Todo este processo culmina numa proposta final, a criação de uma Comunidade de Prática Nacional, dirigida a todos os professores de EMRC do país.

2. A comunidade de prática

2.1 Em que consiste

Segundo José Lagarto, “As comunidades são constituídas por pessoas que querem partilhar os mesmos problemas, as suas “estórias” e os materiais que têm.”¹²⁷, e funcionam fundamentalmente como espaços de aprendizagem onde a transferência de conhecimento acontece de um modo informal por parte de todos

Estas comunidades, segundo Wenger, são grupos de pessoas que partilham uma paixão, um interesse, desafio ou inquietação acerca de um tema específico aprofundando a sua competência e conhecimento acerca desse tema, através de interação contínua.¹²⁸

Apreende-se, desta forma, que comunidades de prática são um grupo heterogéneo de pessoas em colaboração voluntária nas organizações, neste caso específico na EMRC. Surgem

¹²⁷ LAGARTO, J, *Aprendizagens em rede: construindo comunidades de prática em torno do sucesso escolar*. In J. M. Alves & I. Cabral (Eds.), *Da construção do sucesso escolar*, Fundação Manuel Leão, 2016, pág. 227.

¹²⁸ Cf. WENGER, Etienne, *Communities of practice and social learning systems: the carrier of concept*, Cambridge University, pág. 6, in <http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>, (consultado a 4/06/17).

de uma necessidade de partilha de um tema e tendo como principal função oferecer aos seus membros um espaço e um tempo de aprendizagem.

2.2 Características das Comunidades de Prática

As comunidades de prática permitem aos seus membros a construção do conhecimento organizacional e pessoal através do esforço que cada indivíduo coloca nas suas partilhas e que irão permitir a aprendizagem colaborativa de todos.

No quadro abaixo podemos observar um resumo comparativo das características das comunidades de prática, grupos de trabalho formais, equipas de projeto e redes informais em conformidade com Wenger and Snyder.¹²⁹

	Finalidade	Quem pertence?	O que os une	Duração
Comunidades de prática	Desenvolver as capacidades dos membros: criar e trocar conhecimento	Membros que se auto selecionam	Paixão, compromisso e identificação com as competências do grupo	Enquanto houver interesse em manter o grupo
Grupos de trabalho formais	Entregar um produto ou serviço	Todos os que respondem ao gestor do grupo	Requisitos laborais e objetivos comuns	Até à próxima reorganização
Equipas de projeto	Completar uma tarefa específica	Funcionários designados pelos gestores seniores	Etapas do projeto e objetivos	Até o completar do projeto
Redes informais	Receber e passar informação de negócio	Amigos e conhecidos de negócio. Amigos de amigos	Necessidades mútuas	Enquanto as pessoas tiverem razões para se conectarem

¹²⁹ Cf. BRÁS, Rui, *Gestão de Conhecimento e Comunidades de Prática Aplicações Escolares*, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia Informática, Madeira, 2006, pág. 19, in <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/133/1/MestradoRuiBrás.pdf>, (consultado a 4/06/17).

Tabela 7 - Características das comunidades de prática e outros grupos.

Wenger caracteriza uma comunidade com três elementos estruturais: o domínio ou tema, a comunidade e a prática.

- Sendo o tema ou domínio, aquilo que define a comunidade e inspira a participação dos seus membros, é um desafio para fazer mais e melhor;
- A Comunidade traduz-se na estrutura social e para que funcione é necessário que o grupo interaja de uma forma regular, partilhando e tentando solucionar problemas. Proporciona a criação de relações de respeito, de partilha e confiança;
- A última dimensão é a prática, ou seja, para que haja uma verdadeira comunidade é necessário o envolvimento de todos os seus membros. Falamos então do conjunto de artefactos, tal como cenários, ideias, ferramentas, informação, estilos, linguagem, histórias e documentos que a comunidade partilha.

É importante referir que uma comunidade só existe no seu verdadeiro sentido se estas três dimensões funcionarem em harmonia e pleno, no mesmo espaço e tempo.¹³⁰

¹³⁰ LAGARTO, J, *Da construção do sucesso escolar*, pág, 228.

3. A comunidade prática para professores de EMRC

A comunidade prática apresentada é dirigida para professores de EMRC, deve centrar o seu domínio ou tema nas práticas dos seus membros e estes devem colaborar e interagir.

Esta comunidade deverá, dentro do seu conjunto de membros, ter líderes, moderadores e membros mais ativos. Estes terão a obrigação de fazer com que as participações, os materiais e recursos sejam enquadrados nos temas. Visto já existirem blogues e grupos no *Facebook* criados por professores da disciplina, e que são uma referência para os colegas, deveriam continuar a sê-lo como líderes na comunidade prática, impulsionando a partilha, motivando a aprendizagem do grupo e fortalecendo o sentido de comunidade no grupo.

Segundo Wenger, não são apenas as três dimensões referidas no ponto anterior que proporcionam o funcionamento da comunidade. Por vezes, são necessárias mais quatro dimensões. Lagarto, traduz estas dimensões como “dimensões chave”, referindo que são um forte contributo para o sucesso da comunidade numa perspetiva da aprendizagem como modelo social. São elas: O suporte, a participação, o patrocinador e o crescimento.¹³¹

No caso específico da Comunidade de Prática de EMRC, estas quatro dimensões podem ser atribuídas desde já.

<i>Dimensão</i>	Do que se trata	Quem terá a cargo esta dimensão
<i>Suporte</i>	Trata-se do local virtual onde se vai encontrar a comunidade, de quem cuidará desse espaço, do seu aspeto visual e da sua manutenção.	Líderes, SNEC, FT/UCP Moodle
<i>Crescimento</i>	Está relacionado com a promoção do desenvolvimento da comunidade. Há que dinamizar entrada de novos	EDUCRIS/ SNEC/ Secretariados diocesanos/ Grupos de

¹³¹ Cf. *Ibidem*, pág.229.

	membros, muitas vezes através de um processo de marketing.	professores de EMRC no <i>Facebook</i> / blogues e líderes Na fase inicial/crescimento é importante a existência de um núcleo duro que suporte a colocação de conteúdos como forma de atrair novos membros.
<i>Patrocinador</i>	Para a criação da comunidade são necessários recursos económicos e tempo. Os Líderes precisam de motivação numa fase de arranque. São estas as missões dos patrocinadores.	SNEC/ Dioceses
<i>Participação</i>	Apenas uma participação ativa de todos os membros poderá manter a comunidade viva e capaz de originar novos conhecimentos no seu interior	Todos os professores de EMRC, impulsionados pelos líderes e pelos seus colaboradores mais próximos.

O sucesso desta comunidade estaria, em primeiro lugar, nas mãos dos Secretariados Diocesanos e Secretariado Nacional. Porque só é possível a criação de uma comunidade se for transmitido aos membros o verdadeiro sentido de pertença, desenvolvendo assim o espírito comunitário. É de salientar que o sentido máximo de uma comunidade é aprender.

A comunidade irá evoluir tanto quanto o nível de entusiasmo e participação dos seus membros. Neste caso mais específico, podemos dizer que informalmente já existe comunidade, estou a referir-me por exemplo aos grupos de professores de EMRC presentes no *Facebook*.

3.1 Participantes

No caso específico da comunidade proposta, os participantes serão professores de EMRC. Estes terão diferentes papéis dentro da mesma, conforme o seu posicionamento face ao grupo, mas também pela forma com esta se vier a desenvolver.

Dentro dos participantes deverão existir líderes, que têm como tarefa sustentar a comunidade ao longo do tempo. Para além destes líderes formais, deve existir um grupo de colaboradores ativos que irão ajudar nas tarefas de gestão e dinamização da comunidade.

Sendo que ainda existirá um segundo nível de colaboradores, deste fazem parte um conjunto de membros que partilha e comenta frequentemente publicações na comunidade, a sua participação é importantíssima para manter a dinâmica da aprendizagem, num futuro próximo alguns destes membros poderão integrar o núcleo forte. Dentro deste nível, estão também inseridos os especialistas, os quais têm as suas participações, de certa forma, centradas em questões temáticas, com objetivo de aumentar o conhecimento do grupo.

Num terceiro nível, encontram-se os participantes/visitantes casuais, não sendo membros ativos, visitam a comunidade ocasionalmente e só participam em caso de interesse.

Por fim, temos os visitantes ou observadores. Apenas visitam a comunidade, mas não participam nem partilham. Acedem à comunidade apenas com o objetivo de adquirir conhecimento.

3.2 Características digitais da comunidade

Sendo esta comunidade, um espaço virtual e restrito apenas aos professores de EMRC, é necessário que apresente algumas características específicas.

- Em primeiro, cada membro irá necessitar de um *user* para poder efetuar *login*, ou seja. a entrada na comunidade deverá ser condicionada apenas aos seus membros;
- Em segundo, a comunidade deve ser munida de um espaço de repositório, onde os membros poderão colocar os materiais que desejam publicar. Este repositório

também deverá estar organizado por temática/anos escolares/unidades letivas, facilitando a consulta por parte de todos os membros, um motor de busca interno será útil nesta tarefa;

- Em terceiro, a comunidade deve apresentar um chat de conversação e também um sistema de identificação dos membros que se encontram online.

Avaliando todas as necessidades tecnológicas da comunidade, sugere-se a utilização do *software* Moodle, “dada a sua versatilidade, baixos custos, divulgação muito generalizada e facilidade de uso”¹³².

¹³² Cf. *Ibidem*, pág.233.

CONCLUSÃO

“O mundo avança mesmo sem nós; a nós compete-nos que avance connosco.”¹³³ Num piscar de olhos, as horas vão passando, os meses vão mudando, os anos sucedem-se. O que nos acontece? Na nossa pequenez custa-nos enfrentar o avanço do tempo e com ele o avanço do mundo e, às vezes, pensamos como o fadista António Mourão¹³⁴, pedindo ao tempo que volte para trás. Mas o tempo não volta atrás e a nós, tal como diz o Pe. Pedro Arrupe, compete-nos fazer com que o mundo avance connosco.

Nas aulas de EMRC está presente a oportunidade de, sem nunca esquecer o verdadeiro sentido da disciplina – o de ajudar a lerem e a construírem o mundo e a sua vida a partir da dimensão religiosa, tendo com chave os valores evangélicos. Acolhendo o que há de novo no mundo, adaptando novas estratégias e novas dinâmicas de ensino. A novidade é um valor cristão (*Eu renovo todas as coisas*¹³⁵) portanto, longe de nos assustar ou paralisar, deve ser a nossa prática quotidiana.

O objetivo ao desenvolver este trabalho era responder à pergunta: “Qual a importância da *Web 2.0* e tudo o que ela comporta para a disciplina de EMRC hoje?” Após muitas leituras e o facto de ter sugerido uma nova perspetiva sobre o perfil do professor e do aluno, confirmei que a *Web 2.0* é efetivamente relevante para esta disciplina, pelo que devemos empenhar-nos na *comunidade prática* atrás proposta.

Ao compreender melhor o aluno dos nossos dias, aquele que vive num mundo digital, constatamos a importância que este tema tem para o ensino da EMRC, cuja finalidade última é

¹³³ ARRUPE, Pe. Pedro.

¹³⁴ Autor do Fado “Ó tempo volta para trás”

¹³⁵ Ap 21,5

renovar a realidade dos alunos e fazer deles verdadeiros construtores de uma sociedade melhor, mais justa e tolerante, sem nunca esquecer que os devemos levar a amar a vida.

Ao olharmos para uma pintura que retrata uma sala de aula no século XVII, uma fotografia que nos mostra uma sala de aula no século XIX, outra no século XX e uma dos dias de hoje, poucas ou nenhuma são as alterações. Podemos afirmar a novidade que encontramos nas salas dos nossos dias em relação às do passado, são o computador e o vídeo projetor, e o quadro deixou de ser preto passando a ser branco ou verde. Já os alunos continuam sentados segundo a mesma disposição, o professor continua a ensinar no mesmo lugar da sala. Os alunos de hoje pertencem a uma nova geração, aquela que é apelidada de “geração z”, esta é uma geração que lê em *tablets*, estuda/aprende *online* e faz os trabalhos de grupo em rede, via *Facebook*, *WhatsApp* ou *email*. Eles merecem e precisam aprender com novos métodos, não podemos mudar as salas de aula de um dia para o outro, mas podemos adaptar as nossas pedagogias e tentar interagir com os nossos alunos, mostrando-lhes que, também, nós conhecemos o mundo digital e as ferramentas que ele nos disponibiliza.

O professor de EMRC tem como objetivo primeiro, formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores. Os nossos alunos, deparam-se com infinitas informações, que advêm do que encontram na *Web*, e que de certa forma necessitam de ajuda para as poderem filtrar, é aqui que o professor de EMRC tem um papel ativo, porque acima de tudo, é em função do aluno que se devem definir os objetivos, estruturar a ação, delinear as tarefas e estratégias, os materiais, os equipamentos e os espaços pedagógicos.

Inovar é possível, criar laços com esta nova geração é vantajoso e tudo isto através das novas possibilidades que a *Web* trouxe. Ao aprofundarmos os nossos conhecimentos e ao descobirmos algumas das ferramentas que a *Web* disponibiliza, verificamos que a dinâmica das nossas aulas pode melhorar e ao mesmo tempo facilitar o processo de ensino/aprendizagem dos alunos, assim como estabelecer ou melhorar os laços de afetividade e a relação com eles.

A *Web 2.0* implica colaboração, trabalho de equipa, mente aberta, redes sociais, trabalho em rede e outras formas de cooperação. São estas as características que podem ser benéficas não só para os alunos, como para os professores. Compreendemos através do inquérito colocado aos finalistas do mestrado, que esta também é importante para o aprofundamento dos conteúdos, para a partilha e formação dos próprios professores.

Após a elaboração deste Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, termino concluindo que a *Web 2.0* constitui um excelente e fundamental recurso para a prática letiva da disciplina de EMRC. Propondo a criação de uma comunidade prática de aprendizagem, onde os professores possam partilhar, de forma a melhorar constantemente a qualidade dos métodos de ensino/aprendizagem. A união e os laços entre os professores, também se poderão estabelecer ou ser aprofundados por meio desta comunidade, mais abrangente que os pequenos grupos de *Facebook* existentes.

BIBLIOGRAFIA

A

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, McGrawHill, Madrid, 1995.

B

BENTO XVI, *Discurso à Congregação para la Educação Católica*, 7 de fevereiro de 2011, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20110207_cong-educ-cattolica.pdf, (consultado a 27/04/17).

BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI aos professores de religião católica nas escolas italianas*, Vaticano, 2009, In http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html, (consultado a 24/05/17).

BRAGA, Ilda; Ramos, Altina; BRAGA, Joel; *Tecnologias digitais no pré-escolar: o youtube para aprender e partilhar*, Atas da IX Conferência Internacional de TIC na Educação, 14-15 de maio de 2015, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35238/1/Tecnologias%20Digitais%20no%20Pre%20Escolar.pdf>, (consultado a 22/05/2017).

BRANCO, Susana, *A rentabilização pedagógica de um grupo fechado no Facebook na disciplina de Inglês*, Ciclo de Estudos Conducentes ao Grau de Mestre Em Educação, Universidade de Lisboa, 2014, in http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20035/1/ulfpie047101_tm.pdf, (consultado a 25/05/17).

BRÁS, Rui, *Gestão de Conhecimento e Comunidades de Prática Aplicações Escolares*, Licenciado em Ensino de Informática pela Universidade da Madeira, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia Informática, Madeira, 2006, in <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/133/1/MestradoRuiBrás.pdf>, (consultado a 4/06/17).

C

Código Direito Canónico, in http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonicali/portuguese/codex-iuris-canonicali_po.pdf, (consultado a 26/05/17).

CARREIRA, Filipe, *Marketing Digital na versão 2.0: O que não pode ignorar*, Edições Sílabo, Lisboa, 2014.

CARVALHO, Adalberto, *Novas Metodologias de Educação*, Porto Editora, Porto, 1995.

CARVALHO, Ana Amélia A., *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores*, Ministério da Educação, 2008, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8286> (Consultado a 14/05/17) CETERA, Simone; FROEMMING, Lurdes, *Geração Z: Compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente*, in http://www.professores.uff.br/screspo/PSI_P2_artigo7.pdf, pág. 20, (Consultado em 08/05/17).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral: EDUCAÇÃO: Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2000.

COSTA, Manuel, *A utilização das novas tecnologias na formação e divulgação de conteúdos: em particular o vídeo no Youtube*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação: Especialização em Audiovisual e Multimédia, Universidade do Minho, outubro de 2011, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18063/1/Manuel%20Domingos%20Velo%20Pereira%20da%20Costa.pdf>, (consultado a 20/05/17).

COUTINHO, Clara; JUNIOR, João, *Blog e Wiki: Os Futuros Professores e as Ferramentas da web 2.0*, Atas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa, Porto, 2007, in <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf>, (Consultado a 18/05/17).

D

D. António, SANTOS, *Missão e singularidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*, in *Pastoral catequética*, 19 (janeiro – abril 2011), Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa.

D. António, SANTOS, *O professor de EMRC, para a definição de um perfil humano e profissional*, in *Pastoral catequética*, 21/22 (setembro 2011 – abril 2012), Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa.

D. Tomás, NUNES, *O perfil do docente de EMRC, Forum de EMRC*, Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa.

DELOIRS, Jacques (Cord.), *Educação um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para Século XXI, Edições ASA, Porto, 1996.

DUQUE, João, *Braga: do clique ao toque reflete sobre o ensino religioso na escola*, in <http://www.educris.com/v2/emrc/6622-braga-do-clique-ao-toque-reflete-sobre-ensino-religioso-na-escola#.WI-oVVGfKpM.facebook> (Consultado a 27/04/17).

F

FELICIANO, Marcos, *PowTonn: a melhor alternativa para criar apresentações*, in <http://br.blastingnews.com/tecnologia/2016/01/powtoon-a-melhor-alternativa-para-criar-apresentacoes-00756281.html>, (consultado a 24/05/17).

FÉLIX, Catarina, *A Segurança na Internet – Utilização da Internet como recurso educativo no 1º Ciclo*, Investigação, Práticas e Contextos em Educação, pág. 68, in <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2852/1/A%20Seguran%20Na%20internet.pdf>, (consultado a 27/05/17).

FIGUEIREDO, César; NERY, Raquel; LEITE, Susana, *Recursos digitais no ensino da educação visual*, Porto Editora, 2013, in <https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/assets/especiais/educacao2013/doc/20123239CESCMC1213NEPV56.pdf>, (Consultado a 21/05/17).

G

GIL, Henrique; FÉLIZ, Carina, *Internet Segura no 1º Ciclo do Ensino Básico*, CASTI, 2015, in <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2871/1/internet%20segura.pdf>, (consultado a 26/05/17).

GOMES, M^a João; LOPES, António, *Blogues escolares: quando, como e porquê?*, Centro de Competências CRIE da ESE de Setúbal, in

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6487/1/gomes2007.pdf>, (consultado a 20/05/17).

GOMES, M^a João; VALENTE, Luís; DIAS, Paulo, *Promoção de comportamentos seguros na Internet – Um estudo de caso*, V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e comunicação na Educação, pág. 768, in <http://www.valente.org.pt/downloads/artigos/challenges07-seguranet.pdf>, (consultado a 27/05/17).

GOMES, Simões, *Rival do PowerPoint, Prezi lança site em português e mira Brasil ‘criativo’*, in <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/rival-do-power-point-prezi-lanca-site-em-portugues-e-mira-brasil-criativo.html>, (consultado a 22/05/17).

GOMES, Simões, *Rival do PowerPoint, Prezi lança site em português e mira Brasil ‘criativo’*, in <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/rival-do-power-point-prezi-lanca-site-em-portugues-e-mira-brasil-criativo.html>, (consultado a 22/05/17).

GONÇALVES, Marta, *Geração Z: os miúdos que “fazem acontecer e que andam com o mundo no bolso”*, in <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-03-30-Geracao-Z-os-miudos-que-fazem-acontecer-e-que-andam-com-o-mundo-no-bolso>, (Consultado em 08/05/17).

<https://www.internetsegura.pt/tensduvidas>, (consultado a 26/05/17)

J

JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html, (consultado a 24/05/17).

J. M. Alves & I. Cabral (Eds.), *Da construção do sucesso escolar*, Fundação Manuel Leão, 2016.

L

LIMA RUI, *A escola que temos e a escola que queremos*, in <https://www.presenca.pt/livro/a-escola-que-temos-e-a-escola-que-queremos/>, (consultado a 25/05/17).

LIMA, Joana, *Cosméticos no Youtube – Marcas vs Youtubers: Um Estudo Exploratório*, Dissertação de Mestrado Design de Comunicação de Moda, Universidade do Minho, outubro de 2015, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40252/1/Dissertação%20Joana%20Lima.pdf>, (Consultado a 22/05/2017).

M

MARTINS, Ana; GIL, Henrique, *O Jardim-de-infância e a família: uma relação mediada pela utilização de um blog*, Atas do XVII Simpósio Internacional de Informática Educativa, Setúbal, 2015, in <http://siie15.esse.ips.pt/ATASdoSIIE15.pdf>, (Consultado a 20/05/17).

Mensagem do Papa Bento XVI para o 43ª Dia Mundial das Comunicações Sociais, 24 de maio de 2009, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html, (consultado a 25/05/17).

Missão e Objetivos do Plano Tecnológico da Educação, in <http://www.dgeec.mec.pt/np4/243.html> (Consultado a 17/05/17).

N

NOGUEIRA, Jorge, *Os professores têm de captar a atenção dos alunos*, in <http://www.dn.pt/portugal/interior/os-professores-tem-de-captar-a-atencao-dos-alunos-5713324.html>, (consultado a 27/04/2017).

O

O'REILLY, Tim, *Web 2.0: Compact Definition?*, 2005, in: <http://radar.oreilly.com/2005/10/web-20-compact-definition.html>, (Consultado a 18/05/17).

O'REILLY, Tim, *What is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*, 2005, in <http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html?page=1>; (consultado a 18/05/17).

P

PAPA FRANCISCO, *Discurso aos Estudantes e Professores das Escolas Italianas*, Vaticano, 2014, in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html, (consultado a 24/05/17).

Perfil do docente 2014/2015, Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, in [http://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=683&fileName=DGEEC_DSEE_DEEBS_DEES_2016_PerfilDocente.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=683&fileName=DGEEC_DSEE_DEEBS_DEES_2016_PerfilDocente.pdf), (Consultado a 20/05/17).

Preâmbulo do Decreto-Lei 70/2013 de 23 de maio.

PRENSKY, Marc, *Digital Natives, Digital Immigrants*, From On the Horizon (MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001), in <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>, (consultado a 17/05/10).

PREZI, *A ciência por de trás de apresentações eficazes*, in <https://prezi.com/the-science/>, (consultado a 22/05/2017).

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA, *SNEC*, Lisboa, 2014.

Q

QUEIRÓS, Margarida, *8 em cada 10 jovens portugueses já bloquearam alguém na internet*, in <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-01-21-Oito-em-cada-10-jovens-portugueses-ja-bloquearam-alguem-na-internet>, (consultado a 25/05/17).

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc, *Manual de Investigação em ciências sociais*, Gradiva, Lisboa, 2005.

R

RODRIGUES, L. M. Figueiredo, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016.

RV1, Samuel, *O que é o PowToon? – Ferramentas Educacionais*, in <https://www.powtoon.com/online-presentation/dAX6pN6USXF/o-que-e-o-powtoon-ferramentas-educacionais/?mode=movie>, (consultado a 24/05/17).

S

SNEC, *Centro de Recursos*, in <http://www.educris.com/v2/centrorecursos/#qualquer/>, (consultado a 24/05/17).

SNEC, *Estratégias Pedagógicas*, in <http://www.educris.com/v2/98-didatica-da-disciplina/880-estrategias-pedagogicas>, (consultado a 24/05/17).

SNEC, *Funcionamento da Equipa Nacional de Apoio à EMRC*, in <http://www.educris.com/v3/91-equipanacionaldeapoioaemrc/847-funcionamento>, (consultado a 1/06/17).

SOUZA, Adriana; SCHNEIDER, Henrique, *Para além dos muros escolares: O Facebook ampliando os espaços de ensino e aprendizagem*, Atas do III Congresso Internacional das TIC na Educação, Lisboa, 2014, in http://ticeduca2014.ie.ul.pt/downloads/AtasDigitais/Atas_Digitais_ticEDUCA2014.pdf, (consultado a 25/05/17).

SPADARO, António, *WEB 2.0: Redes sociais*, Edições Paulinas, São Paulo, 2013.

T

TAVARES, José; ALARCÃO, Isabel, *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*, Livraria Almeida, Coimbra, 1992.

U

URBANO, Elisa, *A identidade do docente de EM RC. Redescobrir o sentido da obediência*, in *Pastoral catequética*, 23 (maio - agosto 2012), Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa.

W

WENGER, Etienne, *Communities of practice and social learning systems: the carrer of concept*, Cambridge University, in <http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>, (consultado a 4/06/17).

“Como é a geração z?”, in <https://www.waynext.com/waytrends/como-e-a-geracao-z/> (Consultado em 9/05/17).